

revista



mensal | junho de 2022 | nº 12 | ano 28 | [Instagram](https://www.instagram.com/sescrevistae) [Facebook](https://www.facebook.com/sescrevistae) [YouTube](https://www.youtube.com/sescrevistae) [sescsp.org.br/revistae](https://www.sescsp.org.br/revistae) revistae@sescsp.org.br | Distribuição gratuita | Venda proibida



ECOS DA ECO-92 | MÚSICA DE CÂMARA | MURAIS EXPANDIDOS | LYGIA FAGUNDES TELLES | ZEZÉ MOTTA |
ALÉM DO DIVÃ | ANTONIO CANDIDO: UM FAROL | PAULLINY TORT | MARCIO ATALLA | TANIA PERFEITO JARDIM





AÇÃO URGENTE CONTRA O FRIO

**Doe agasalhos, gorros,
meias e cobertores para
adultos e crianças.**

**A arrecadação será
encaminhada às pessoas
e famílias em situação
de vulnerabilidade.**

**NAS UNIDADES DO SESC
Saiba mais em www.sescsp.org.br**



Foto: Penna Prearo

A imagem que ilustra a capa deste mês é a fotografia *Desvaneios em Sinadúbia II* (2018), do artista Penna Prearo, e integra a exposição *Penna Prearo – Labirintos Revisitados*, com abertura no dia 29/06 no Sesc Bom Retiro. A mostra, com curadoria de Agnaldo Farias e Baixo Ribeiro, reúne 49 fotografias selecionadas do artista. Em sua produção mais recente, Prearo traz como proposta estética reconfigurar radicalmente os objetos fotografados por meio do tratamento digital. Assim, explora recursos como a alta saturação de cores e a distorção repetitiva de imagens, para criar uma atmosfera imersiva e urbana, construindo uma poética visual e experimental sobre os materiais e sobre a própria cidade. Saiba mais: www.sescsp.org.br/bomretiro.

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.



 App Store  Google Play Download gratuito para Android e iOS

Bem-estar, educação e melhoria para todos

Promover o bem-estar dos trabalhadores do comércio, serviços e turismo, de seus dependentes, bem como de toda a comunidade é o cerne das ações do Sesc – Serviço Social do Comércio. Criado em 1946 por iniciativa dos empresários do setor, o Sesc desenvolve atividades nos campos da cultura, do lazer, dos esportes, do turismo, da saúde e da alimentação, numa perspectiva educativa não formal e permanente, proporcionando a seu público frequentador a ampliação do repertório cultural e o aprimoramento das relações interpessoais.

Com mais de 40 centros esportivos no estado, o Sesc oferece diversificada programação de shows, espetáculos teatrais, cursos, vivências, oficinas e bate-papos, mobilizando múltiplos saberes e referenciais, que possibilitam trocas e proporcionam aprendizados diversos. Também está presente no ambiente digital com cursos, debates e aulas práticas de diferentes modalidades, fortalecendo, assim, o vínculo com as pessoas. Em sintonia com as demandas de seu tempo, realiza ações em prol da sustentabilidade e da acessibilidade, que envolvem desde a gestão dos seus espaços físicos até a sensibilização com viés educativo, presente em sua ação programática. Além disso, contribui para o combate à fome e ao desperdício de alimentos, por meio do programa Mesa Brasil Sesc São Paulo. Trata-se, portanto, de uma iniciativa que contribui para gerar melhorias na vida de todos que participam do dia a dia da entidade e, por consequência, da sociedade como um todo.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional
do Sesc no Estado de São Paulo

Ser humano, ser natureza

Há 30 anos, representantes do mundo todo reuniam-se no Rio de Janeiro para participar de uma conferência histórica sobre o meio ambiente, naquela que ficaria conhecida como ECO-92. Se naquele momento as discussões ainda estavam focadas numa concepção estanque dos ambientes ditos “naturais”, as reflexões foram se alargando nessas três últimas décadas. Hoje, o entendimento sobre a sustentabilidade evidencia sua feição eminentemente sistêmica, na qual o ser humano é agente decisivo. Outro aspecto indissociável desse debate é o caráter educativo permanente que se faz presente no sentido de sensibilizar, mobilizar e gerar ações transformadoras. Quais os legados da ECO-92 para as futuras gerações e quais os desafios a serem enfrentados para seguirmos avançando nesse campo são o tema de reportagem desta edição da **Revista E**, no mês em que se celebra o Dia Mundial do Meio Ambiente.

Em *Entrevista*, a psicanalista Vera Iaconelli aborda a parentalidade e discute a responsabilidade de toda a sociedade na criação das futuras gerações. A atriz e cantora Zézé Motta fala, em *Depoimento*, sobre seus cinquenta anos de carreira, sobre a luta antirracista, longevidade e sonhos. Na seção *Em Pauta*, dois textos extraídos do livro *Antonio Candido: Afeto e Convicção*, das Edições Sesc São Paulo, celebram a obra de um dos grandes pensadores da crítica literária e ensaística brasileira. Em *Inéditos*, conto da escritora Paulliny Tort narra uma viagem marcante pelo rio Amazonas. Boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA

Diretor do Sesc São Paulo



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo
Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman

Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho

CONSELHO EDITORIAL

Revista E

Adauto Perin, Ademar Vieira Rodrigues Junior, Adriane da Silva Ribeiro, Adriano Gandolfo Gonçalves, Adriano Ladeira Yannucci, Alessandra Galvão, Aline Cristina de Brito Bortolotto, Aline dos Santos, Aline Moraes de Souza, Aline Ribenboim, Ana Lúcia de la Vega, Ana Paula de Freitas, Anderson Eduardo Cardoso Guimarães, Andrea Carla Namura Rennar Salmazzi, Andrea de Oliveira Rodrigues, Andreia Dorta Martins Castilho Grande, Andresa Caravage de Andrade, Angela Vieira Vasconcelos, Anita de Souza Cleto, Bruno Eduardo Ciccotelli, Camila Freitas Curaca, Camile Lopes Magalhães, Carla Carolina dos Santos Malheiros, Carlos Daniel Dereste, Catia Aparecida da Rocha, Celia Regina Gonzaga, Clarisse Moreira Montuori Martins, Claudia Cassia de Campos, Claudia Regina de Souza, Cleber Blanco, Clovis Ribeiro de Carvalho, Corina de Assis Maria, Cristiane Godoy Trombini, Daniel Henrique da Silva Leite, Daniela Cristina Ramos Del Nero, Danny Abensur, Davi Alexander Fernandes Costa, Debora Santos Franca, Denise Mariano da Silva, Denise Rosa Marcelino, Diogenes Divizis, Diogo de Barros Souza, Edison Eugenio de Moraes Junior, Eduardo Garcia de Almeida, Eduardo Lopes Salomao Magiolino, Eduardo Roberto Uhle, Eduardo Santana Freitas, Elaine Cristina Meloni, Emerson Luis Costa, Estevão Denis Silveira, Fabio Caruzo de Souza, Fabio Henrique Miranda dos Anjos, Felipe Campagna de Gaspari, Felipe Zaballa Ventura, Fernanda Maria Barbosa, Fernanda Perroni Claro, Fernando Andrade de Oliveira, Fernando Hugo da Cruz Fialho, Filipe Cara Cremasco, Flavia Carolina Salvini Ferreira, Gabriel Maion Gianelli Damasco, Gabriela Tufanin Evaristo, Gerson Luiz de Souza, Gildeneide da Silva Santos, Giovanna Benjamin Togashi, Gislene Lopes Oliveira, Henrique Barcelos Ferreira, Henrique Santos da Silva, Ivan Destro, Ivan Lucas Araujo Rolfsen, Ivanildo Rodrigues Da Hora, Ivo Bertelli, Jose de Souza, Jade Stella Martins, Janaina Lima da Silva, Jose Evaristo Silverio Netto, Jose Goncalves da Silva Junior, Juci Fernandes de Oliveira, Jucimara Serra, Julia Parpulov Augusto dos Santos, Juliana Claudia Gardim, Juliana Faria da Silva Perruchio, Julio Cesar Pereira Junior, Julio Henrique Sakamoto Peres, Karen Cristina Cocina, Karla Priscila Vieira Carrero, Katia Araujo Patusso, Lara Macedo Dias, Laudo Bonifacio Junior, Leonardo Angelelli Modenese, Leonardo Calix Soares, Luciana Alves Dantas, Luciana Itapema Alves Melher, Luiz Eduardo Rodrigues Coelho, Marcel Antonio Verruno, Marcio Moreira de Salles, Marcos Roberto Santos, Maria Rizeide Pereira dos Santos, Mariana Barbosa Meirelles Ruocco, Mariana Lins Prado, Marina Maria Magalhães, Marina Reis, Mario Augusto Silveira, Matheus Alves de Amorim, Mauricio Nunes da Silva, Mayra de Macedo Schatzer, Monique Mendonça dos Santos, Nilson Ferreira S Ribeiro, Noedy Urbani, Odilei Ronaldo Vieira, Paula Roberta de Padua, Paulo Alexandre Gonçalves Aires, Paulo Henrique Vilela Arid, Pier Patrick La Rosa, Poliana de Moura Queiroz, Priscila Rahal Gutierrez, Rafael Goncalves de Souza, Rafael Suzushi Murakawa, Regiane Kindler Figueiredo, Regiany Valeria Santos, Regina Machioni, Rejane Pereira da Silva, Renan Cantuário Pereira, Ricardo de Oliveira, Ricardo Lemos Antunes Ribeiro, Rodrigo Silva Machado, Ruth dos Santos, Sergio Seigi Teles de Lima, Sílvia Aguilhar da Cruz, Sílvia Aguilhar da Cruz, Sílvia Mayeda Dangelo, Tatiana Busto Garcia, Tatiana Caetano Camargo, Tatiane Kosimenko Ferrari Figueiredo, Thais Ferreira Rodrigues, Thiago Marchini Cambui Del Cura, Wagner Martins dos Santos Junior, Vania Rangel dos Santos, Virginia Chiaravallotti, Zeno Lucio dos Santos Prazeres Filho

Coordenação Geral:

Ivan Paulo Giannini

Editora Executiva: Adriana Reis Paulics • **Direção de Arte e Diagramação:** Arianne Ramos de Azevedo • **Ilustrações:** Luyse Costa • **Edição de Textos:** Adriana Reis Paulics e Maria Julia Lledó • **Revisão de textos:** Pedro P. Silva • **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Luna D'Alama, Manuela Ferreira e Maria Julia Lledó • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis Paulics, Guilherme Barreto e Marina Pereira • **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Junior e Renato Perez de Castro • **Arte de Anúncios:** José Gonçalves Junior e Nilton Andrade Bergamini • **Supervisão Gráfica:** Rogério Ianelli • **Finalização:** Arianne Ramos de Azevedo • **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Adriana Reis Paulics MTB 37.488

A **Revista E** é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social**.

Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site:
sescsp.org.br

SUMÁRIO

20



Fotografia

MEIO AMBIENTE

ECOS DA ECO-92 reverberam o legado da conferência do meio ambiente que colocou em pauta a urgência de um modelo de desenvolvimento sustentável

12



Foto: Adriana Vichi

ENTREVISTA

A psicanalista VERA IACONELLI reflete sobre parentalidade e destaca importância de toda a sociedade na criação das próximas gerações

30

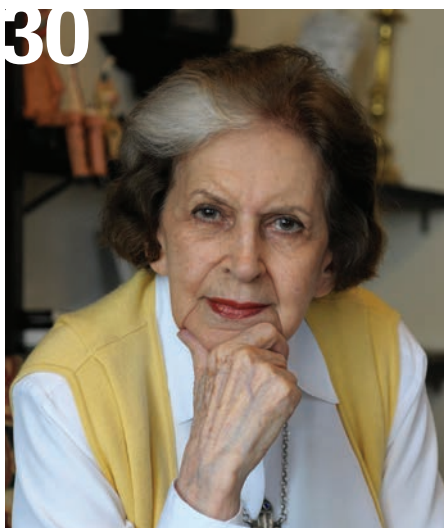


Foto: Adriana Vichi

PERFIL

O universo de fantasia e realidade lapidado pela escritora LYGIA FAGUNDES TELLES, um dos mais importantes nomes da literatura brasileira

38



Foto: Ignacio Aronovich

GRÁFICA

Duas importantes linguagens artísticas originárias da expressão popular dialogam entre si e com o público na exposição XILOGRAFFITI

78

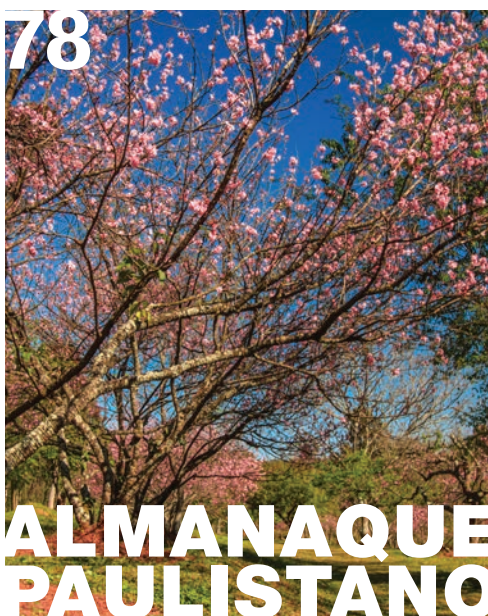


Foto: Joca Duarte/SMA

ALMANAQUE PAULISTANO

Conheça 5 espaços e projetos que celebram a CULTURA JAPONESA em São Paulo, para além da Liberdade

56



Foto: Rodrigo Rosenthal

MÚSICA

Contemporaneidade e diversidade amplificadas pela produção atual de MÚSICA DE CÂMARA no Brasil

9 DOSSIÊ

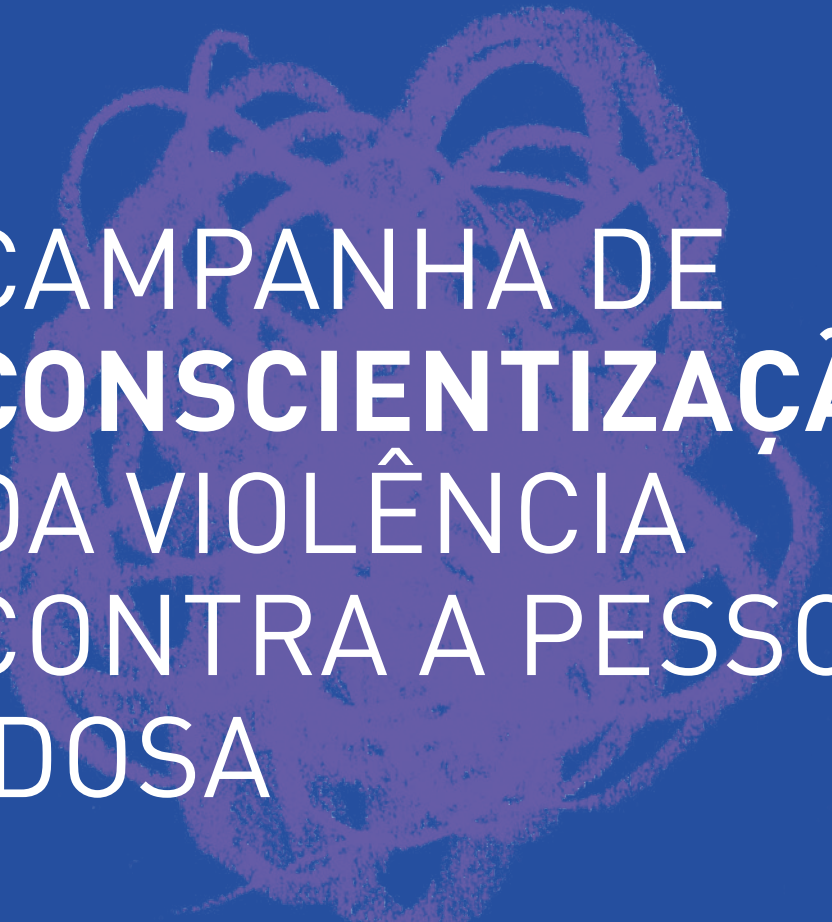
60 EM PAUTA
ANTONIO CANDIDO: UM FAROL

66 ENCONTROS
MARCIO ATALLA

70 DEPOIMENTO
ZEZÉ MOTTA

74 INÉDITOS
PAULLINY TORT

82 P.S.
TANIA PERFEITO JARDIM



CAMPANHA DE CONSCIENTIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA IDOSA

RECONHECIMENTO
E DIREITOS

DE 8 A 15 DE JUNHO

AÇÕES ONLINE E PRESENCIAIS
NAS UNIDADES DO SESC SÃO PAULO.

RECONHECIMENTO DOS PRINCIPAIS
TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA
IDOSA, FUNCIONAMENTO E ARTICULAÇÃO
DA REDE SOCIOASSISTENCIAL.

ACOMPANHE A PROGRAMAÇÃO:
WWW.SESCSP.ORG.BR/CONTRAVIOLENCIA

BABEL DAS LÍNGUAS

TOM ZÉ INVESTIGA A LÍNGUA E A CULTURA BRASILEIRAS EM NOVO DISCO COM DIREÇÃO ARTÍSTICA DE FELIPE HIRSCH LANÇADO PELO SELO SESC



Cinco anos após gravar o disco *Sem Você Não A*, o cantor, compositor e arranjador Tom Zé volta à ativa com o álbum *Língua Brasileira*, que será lançado pelo Selo Sesc nas principais plataformas de *streaming*, no Sesc Digital e também em sua versão de disco físico, no dia 24 de junho. Em abril, o artista baiano de 85 anos já havia divulgado o single “Os Clarins da Coragem”, uma amostra do novo trabalho.

Língua Brasileira recebe o mesmo nome do espetáculo teatral dirigido por Felipe Hirsch (*Leia Entrevista publicada na Revista E nº 303, em janeiro de 2022*) e encenado pelo coletivo Ultralíricos, que estreou em janeiro no Sesc Consolação e fez temporada até março. Hirsch assina a direção artística desse novo álbum do músico baiano, e a produção musical fica por conta de Daniel Ganjaman.

“Esse projeto se propõe a investigar a língua e a cultura brasileiras, celebrando nossas especificidades e riquezas em contraponto à narrativa simplificadora da ‘descoberta’ do Brasil e da disseminação da língua portuguesa. *Língua Brasileira* é uma obra admirável de um artista consistentemente inquieto e

inspirado. É também fruto de um trabalho coletivo de investigação artística que tem o apoio do Sesc São Paulo, por contribuir com as discussões sobre o conceito de brasilidade e sobre a formação das identidades nacionais”, afirma Danilo Santos de Miranda, diretor do Sesc São Paulo.

No encarte do material, Tom Zé diz que “falamos, com pouso nas vogais, uma língua quase cantada, em vez daquelas consoantes acentuadas preferidas em Portugal”. E prossegue: “Dois anos de trabalho, de domingo a domingo, com Daniel Maia [*que assina a coprodução e vários arranjos*] sempre a meu lado, fazendo um esboço imediato de arranjo, que nos permitiu calcular o futuro alcance da música. Neusa [*fempresária e esposa do músico*], algebrica, imediata, direta! E assim chegamos, com leves arranhões, a este disco com 11 gravações inéditas, que passamos aos vossos ouvidos”.

Além de “Os Clarins da Coragem” e a homônima “Língua Brasileira”, o disco reúne as faixas “Hy-Brasil Terra Sem Mal”, “Pompeia – Piche No Muro Nu”, “Unimultiplicidade”, “Gênesis Guarani”, “Metro Guide”, “Índio Desliga Jaraguá”, “A Língua Prova

Que”, “Clarice” e “San Pablo, San Pavlov, San Paulandia”. Para o músico, compositor e ensaísta José Miguel Wisnik, “a sequência de canções girando em torno de um mesmo assunto ganha embocadura e amplitude inéditas”, passando pela origem de línguas como o guarani e o iorubá, que fazem parte da formação do português falado no Brasil. “A língua é o leito de um rio caudaloso e acidentado, cheio de passados, de presentes e de futuros, que se liga ao oceano das línguas. (...) Salve esse extraordinário criador! Viva sua energia estimulante capaz de abraçar – sempre! – mundos sem fundo.” Um artista incomum que, desde os anos 1960, busca desconstruir justamente os lugares-comuns, repensando a cultura por meio de experimentações diversas.

Os shows de lançamento do álbum serão nos dias 9 e 10 de julho, no Sesc Vila Mariana. Mais informações: www.sescsp.org.br/selosesc.

LÍNGUA BRASILEIRA É
UMA OBRA ADMIRÁVEL
DE UM ARTISTA
CONSISTENTEMENTE
INQUIETO E INSPIRADO. É
TAMBÉM FRUTO DE UM
TRABALHO COLETIVO
DE INVESTIGAÇÃO
ARTÍSTICA QUE TEM O
APOIO DO SESC SÃO
PAULO, POR CONTRIBUIR
COM AS DISCUSSÕES
SOBRE O CONCEITO DE
BRASILIDADE E SOBRE
A FORMAÇÃO DAS
IDENTIDADES NACIONAIS

DANILO SANTOS DE
MIRANDA,

diretor do Sesc São Paulo



Fernando Laszlo



Divulgação

Sem Rosto, de Sonia Guggisberg.

DILEMAS DO REFÚGIO

Em homenagem ao Dia Mundial do Refugiado (20/06), o SescTV traz uma programação especial sobre o tema. No período de 11 a 22 de junho, a partir das 22h, serão exibidas no canal cinco produções – entre videoarte e documentários – com direção de Sonia Guggisberg, que dialogam com questões relacionadas à desterritorialidade e os fluxos migratórios no mundo. *Sem Rosto*, *Mindscape*, *Ground Red*, *Peças do Jogo* e *Linha* foram gravados em campos de refugiados na Grécia, na Itália e em Malta. O conteúdo ficará disponível sob demanda no site do canal em sesc.tv.org.br.

PREVENIR QUEDAS

De 20 a 26 de junho, o Sesc São Paulo promove a *Semana de Prevenção de Quedas em Pessoas Idosas*, ação em rede que envolverá várias unidades no estado e terá na programação cursos, vivências, oficinas, bate-papos e palestras sobre o assunto. A edição deste ano tem como tema *Força para agir. Não deixe a peteca cair!*, enfatizando a importância do fortalecimento muscular para evitar quedas e manter a saúde em dia. A campanha conta com a parceria institucional da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer de São Paulo, da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) e do Centro de Referência do Idoso da Zona Norte (CRI Norte), na capital.

Saiba mais:

www.sescsp.org.br.

CONVERSAS NO ACERVO

Convidadas a comentar obras fixas do Acervo Sesc de Arte, 20 personalidades brasileiras de diversos perfis e ramos de atividade estiveram em várias unidades do Sesc São Paulo, onde lançaram seus olhares sobre diferentes obras a fim de compartilhar suas percepções e impressões sobre temas como resistências, música, palavra, identidade e corpos possíveis. O resultado está na websérie documental *Sem Título – Conversas no Acervo Sesc de Arte* – dividida em dez episódios com cerca de dez minutos cada –, que estreia este mês no Sesc 24 de Maio, em evento para convidados, e ficará disponível para todos os públicos, gratuitamente, no Sesc Digital, a partir do dia 5/07. Participam da série: Daniel Munduruku, João Gordo (foto), Beto Brant, Bia Lessa, Juca Kfoury, entre outros. Confira em: sesc.digital.

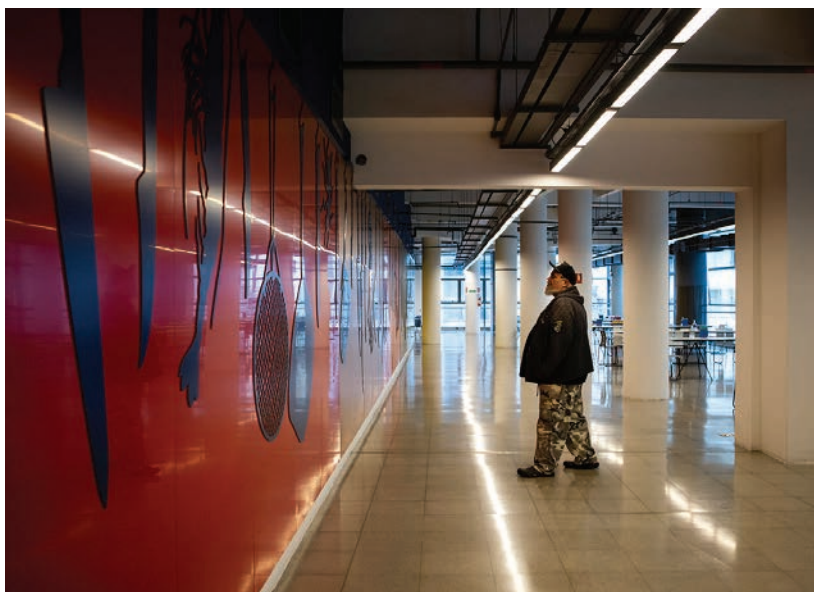


Foto: Rebeca Figueiredo

O músico João Gordo é um dos convidados da série *Sem Título – Conversas no Acervo Sesc de Arte*.



Foto de Henri Ballo/Revista O Cruzeiro, 31 de dezembro de 1960, edição 0012.

Depois de passar pelo Instituto Moreira Salles (IMS), em São Paulo, a mostra *Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros* chega ao Sesc Sorocaba a partir do dia 15 de junho, com curadoria do antropólogo Hélio Menezes e da historiadora Raquel Barreto. Em cartaz até 25 de setembro, a exposição destaca a trajetória e a produção literária dessa multiartista mineira, que se tornou internacionalmente conhecida pelo livro *Quarto de Despejo* (1960) e virou símbolo da resistência negra no país.

Saiba mais: sescsp.org.br/unidades/sorocaba/

DA CONTRACULTURA AO FUNK

Entre os mais recentes lançamentos das Edições Sesc São Paulo, destacam-se os livros *Underground: Luiz Carlos Maciel*, organizado por Claudio Leal, e *O Funk na Batida: baile, rua e parlamento*, de Danilo Cymrot. Com apresentação de Caetano Veloso, o primeiro é uma coletânea de 70 ensaios publicados na imprensa pelo jornalista, escritor, roteirista e filósofo gaúcho Luiz Carlos Maciel (1938-2017) sobre a contracultura, movimento mundial que questionou as estruturas sociais nas décadas de 1960 e 1970. No Brasil, tivemos representantes como a Tropicália, o Cinema Novo e o Teatro Oficina, que resiste há 64 anos. Já o segundo livro, *O Funk na Batida*, apresenta a história desse gênero musical que se popularizou no Brasil e no exterior. Ao longo de 384 páginas, o autor narra a diversidade de estilos, valores e comportamentos vistos em bailes de São Paulo e do Rio de Janeiro. Mais informações: portal.sescsp.org.br/online/edicoes-sesc.



Divulgação



Além do divã

PSICANALISTA, COLUNISTA E AUTORA DE LIVROS SOBRE PARENTALIDADE,
VERA IACONELLI REFLETE SOBRE DESAFIOS E PARADIGMAS
DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Nos últimos anos, redes sociais e outras plataformas digitais têm se voltado à psicanálise como uma ferramenta de autoconhecimento e compreensão das mudanças sociais que vivemos. Concomitante a esse cenário, uma grande quantidade de pessoas mostra-se interessada por essa área do conhecimento que nasceu na Europa, com a pesquisa e o trabalho do médico neurologista e psiquiatra austríaco Sigmund Freud (1856-1939). Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) e diretora do Instituto Gerar de Psicanálise, Vera Iaconelli faz parte desse movimento de psicanalistas que reflete sobre o assunto e desfaz equívocos quanto ao conceito e à função da psicanálise. Em seu trabalho, a maternidade e a parentalidade já se desdobraram nos livros *Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna* (Zagodoni, 2ª ed., 2020) e *Criar filhos no século 21* (Contexto, 2019). “Está em jogo uma visão de que a sociedade ‘ajuda’ a mulher, assim como o marido ‘ajuda’ a esposa, e não que a sociedade é tão responsável pela próxima geração quanto qualquer cidadão. Então, a gente não vai ‘ajudar’ a mulher, nós vamos fazer a nossa parte, dividindo responsabilidades que são sempre da geração anterior em relação à próxima geração”, diz a psicanalista, que assina uma coluna no jornal *Folha de S.Paulo* e dedica-se, atualmente, ao próximo livro, a ser lançado em 2023. Nesta *Entrevista*, Vera Iaconelli fala sobre parentalidade, hipervigilância nas redes sociais e sobre como a fruição cultural é necessária para manutenção da saúde mental e da qualidade de vida.

Nota-se um crescente interesse no país pela psicanálise, dado o número de perfis nas redes sociais, canais no YouTube, podcasts e outras mídias e a quantidade de seguidores. Qual seria o motivo para essa escalada de interesse?

Esse é um fenômeno complexo, porque a gente tem, por exemplo, no Brasil, uma escalada de interesse (pela psicanálise) e em outros países, um decréscimo. Tem algo que diz respeito à nossa relação com a psicanálise aqui, essa descoberta um pouco mais tardia em relação à Europa, que tem uma história própria. Quando a psicanálise é levada para a mídia e gera interesse é porque a pessoa que lê a respeito sente um alívio. Por exemplo: “Então, eu estou lutando comigo à toa”, ou “ah, então, é assim que funciona”. O psicanalista, quando é chamado a falar – e isso é recorrente para mim –, ele vai falar algo contraintuitivo, ou seja, ele sempre vai fazer um furo no discurso habitual e isso encanta as pessoas. É claro que a gente gosta de ouvir coisas do tipo: “A felicidade é um bem supremo que você conquista”, e muita gente consome esse discurso. Porém, quando vem alguém e fala alguma coisa que é contraintuitiva e bate na sua percepção, que bate em algo que nem mesmo você reconhece, isso dá a você um ganho de consciência e lhe tira uma certa alienação. Isso é muito libertador e revigorante. Outra coisa que existe é uma curiosidade e, também, uma fantasia de que o contato com a psicanálise nas mídias bastaria para o sujeito se tratar. Como se a pessoa pudesse fazer um tratamento sem pagar o preço do atendimento, não só pagar a consulta, mas pagar psiquicamente, pagar todo investimento que há nesse trabalho. Também observo uma confluência de fatores, como o reconhecimento de que a psicanálise trabalha essa outra coisa que ninguém mais fala e que traz muita liberdade, embora ali a gente tenha que enfrentar nós mesmos e saber quem somos. Mas, também, vejo uma certa moda, e como toda moda, ela deve diminuir com o tempo.

E quanto ao trabalho e reconhecimento de psicanalistas brasileiros? Ainda buscamos seguir um modelo europeu?

Existe a ideia de que qualquer um pode se tornar psicanalista, como uma certa “uberização” da psicanálise. A formação de um psicanalista é complexa, mas algumas pessoas acham que podem

se tornar psicanalistas porque fizeram um cursinho teórico. Apesar disso, no Brasil, temos psicanalistas que são excepcionais e que não devem nada a profissionais de outros países nem à Europa, onde surgiu a psicanálise. A gente tem que fazer um trabalho de descolonizar essa mentalidade de que psicanálise é somente a europeia, porque depois de mais de 120 anos, temos uma produção textual muito robusta e psicanalistas muito ativos no Brasil. São profissionais que estão produzindo levando em conta as condições brasileiras, ou seja, o fato de que nós somos um povo cuja formação foi baseada na experiência terrível da escravidão, que nossa desigualdade social não se assemelha em nada com a que existe na Europa, pela qual fomos colonizados, entre outros fatores. E tudo isso gera uma psicanálise que responde às nossas questões. Eu sou muito entusiasta da psicanálise brasileira. Isso é muito revigorante e dá entusiasmo à nova geração.

Durante a pandemia, um dos grupos que mais apresentou doenças relacionadas à saúde mental foi o de mães solo. Esse cenário ampliou a discussão sobre quem cuida de quem cuida?

A pandemia revela o que já estava aí. É uma tragédia mundial, mas, como ela atinge a todos os laços sociais, todos os governos, todas as políticas públicas e a todas as formas como a gente se organiza enquanto sociedade, ela põe tudo à prova. No caso, esse arranjo (mãe-filho), que a gente ainda vê, é extremamente anacrônico, vem se arrastando por séculos, mas com requintes de crueldade nos últimos anos. A gente tem visto as mulheres serem inseridas no mercado de trabalho, ganhando menos e, ainda, assumindo essa contrapartida de ser sustentada por um homem, fato que nunca ocorreu para todas as mulheres, obviamente. A contrapartida seria cuidar dos filhos nessa divisão do trabalho que foi se mostrando impossível, porque as mulheres sempre trabalharam fora de casa também. Essa história de que a mulher começa a trabalhar fora nos anos 1960 é uma coisa de classe média alta, porque elas sempre trabalharam muito. Então, o que aconteceu foi que as mulheres começaram a aspirar trabalhar fora, se tornar independentes e não depender mais do casamento. Estamos numa espécie de curva de rio, numa situação em que teremos que pensar as próximas gerações a partir de uma visão da sociedade

como um todo. Mas não é isso que temos hoje. O que temos hoje são as mulheres sustentando a casa e cuidando da casa e dos filhos. Então, elas são as provedoras de tudo: a provedora material, afetiva e do cuidado. Aí, você põe uma pandemia em cima disso, e a pandemia causa e revela: ela revela que não dá para ser desse jeito, porque essas mulheres adoecem, porque essas crianças adoecem e se a nossa geração adoecer, a sociedade toda adoecer.

Ou seja, é preciso falar sobre a necessidade da formação e ampliação dessa rede de cuidado em todos os âmbitos da sociedade.

A gente começa a ter que fazer a lição de casa e pensar: “Afimal, nós vamos realmente fingir que é possível que as mulheres sejam responsabilizadas pelas próximas gerações?”.

A gente teve agora o dissabor de escutar uma mulher na política, influente, que votou contra o auxílio às mães solo, que são as antigas mães solteiras consideradas párias da sociedade porque eram “soltas”, “sem homem”. Essas “mães solteiras” se tornam “mães solo”, que dizem: “A gente está sozinha, não está devendo nada para ninguém e quer que a sociedade se responsabilize”. Mesmo assim, essa política vota contra o auxílio a essas mulheres porque ela acha que isso vai desagregar o laço familiar. Esse tipo de pensamento está aí desde o maternalismo na virada do século 19-20, que justamente pensava que a política pública não poderia beneficiar diretamente a mulher, porque isso desagregaria a família, então, ela tem que ser dependente do marido. O que está em jogo aí? Está em jogo uma visão de que a sociedade “ajuda” a mulher, assim como o marido “ajuda” a esposa, e não que a sociedade é tão responsável pela próxima geração quanto qualquer cidadão. Então, a gente não vai “ajudar” a mulher, nós vamos fazer a nossa parte, dividindo responsabilidades, que são sempre da geração anterior em relação à próxima geração. Ainda existem mulheres que acham que têm que corresponder a esse equívoco e adoecem

pensando: “Eu deveria conseguir trabalhar 12 horas por dia, cuidar dos meus filhos, estar linda e maravilhosa, pagar minhas contas e ainda ser uma mãe que consegue ler uma história no final do dia e fazer a lição de casa com o filho”. Não dá. É completamente impossível, e elas vão adoecendo tentando ou, então, achando que têm que casar por causa disso, que precisam manter um relacionamento abusivo por causa disso e uma série de outras distorções desse raciocínio equivocado. Por isso faz

parte da minha pesquisa a visão de que a parentalidade, esses laços que criam a nova geração, diz respeito a uma geração sendo responsável pela próxima, e não apenas a relação “mamãe e seu bebê”. É uma outra perspectiva totalmente implicada socialmente, pensando nos discursos e condições para se cuidar da próxima geração.

E como fica a questão da paternidade, quando vemos cada vez mais canais de discussão em páginas na internet, podcasts e outras mídias debatendo maior envolvimento na criação e no cuidado dos filhos?

Essa nova masculinidade emerge não só da luta feminina de mais de 100 anos, ela emerge da nova paternidade. Teve um pensamento que o filósofo Túlio Custódio me apontou em certa ocasião e mudou minha perspectiva: não foi a pressão do feminismo diretamente que demoveu o discurso machista, foi a paternidade. Claro que há uma relação com o feminismo, mas lá na ponta, porque quando as mulheres falam: “Toma que o filho também é teu e eu vou trabalhar fora”, e divórcios passam a ser uma possibilidade não vexatória, mas uma solução para alguns casos, os homens começam a ter que cuidar dos filhos, porque esse trabalho não remunerado da mulher começa a rarear. Esse homem começa a ter que pensar quem ele é como pai, quem ele quer criar e também começa a se pensar. Como os filhos trazem para a gente a nossa própria mensagem invertida, como dizia Lacan, e os filhos mais do que qualquer outra pessoa, esses sujeitos começaram a se pensar

ESTAMOS NUMA ESPÉCIE DE
CURVA DE RIO, NUMA SITUAÇÃO
EM QUE TEREMOS QUE PENSAR
AS PRÓXIMAS GERAÇÕES
A PARTIR DE UMA VISÃO DA
SOCIEDADE COMO UM TODO

como homens. Aí surge a nova paternidade e o novo homem. O homem que começa a criticar o machismo tóxico junto com as mulheres e a pensar: “Eu não quero só os deveres, eu também quero os direitos, também quero guarda compartilhada, quero tomar decisões importantes”. Só que para fazer essa passagem, as mulheres também têm que passar o bastão, ou seja, elas também têm que recuar em alguns lugares nos quais reinavam, porque tinha uma compensação – já que o homem reina no espaço público, a mulher é a “rainha do lar”, é ela quem decide e exerce um lugar de poder na casa. Mas, fazer com que o homem entre aí, exigir que ele entre também é abrir mão desses “podres poderes”, porque, na verdade, são poderes que te minam de todo o resto. A partir daí começa toda uma nova negociação dessas relações que têm muito a beneficiar as crianças e as famílias, mas que dá muito trabalho, porque tem uma negociação de poderes, de quem faz o quê, quem se responsabiliza pelo quê. Por isso, a gente tem um longo trabalho pela frente, mas a boa notícia é que nada muda se uma nova mentalidade não aparecer, se um novo paradigma não aparecer. E o que apareceu foi um novo paradigma de pai/homem, que afeta todos os homens, mesmo os que não são pais, porque eles estão sendo criados por novos homens. Começamos a ver, então, homens que cuidam dos filhos como pais responsáveis. Eles começam a aparecer como modelos de novas gerações e a gente precisa de modelos, senão não dá para imaginar (esse outro pai/homem).

No livro *Criar Filhos no Século 21*, você lança aos leitores a pergunta: “o que é necessário para educar uma criança em nosso tempo?”. Afinal, o que é necessário para educar uma criança em tempos de sobrecarga de trabalho, escalada do consumismo e hipervigilância das redes sociais?

Acho que uma coisa para se pensar é: “O que seria o lugar dos filhos?”. Seria o lugar da transmissão de algo. Ter filhos – e pode ser que você transmita ou não a sua genética – é transmitir algo para a próxima

geração, da mesma forma que você transmite algo a partir do que a geração anterior transmitiu para você. Por exemplo: vou transmitir para meus filhos minha língua materna, vou transmitir o arroz

com feijão do almoço, que a gente come sentado à mesa, que a gente se cumprimenta de um determinado jeito. Vou transmitir milhares de coisas que são uma forma de existir no mundo. A forma como eu trato os meus funcionários, quem eu trato melhor a depender de cor, gênero, posição social... Enfim, tudo isso. A gente transmite em 100% do tempo milhares de expressões faciais, falas que são uma enxurrada

de informações que as crianças vão tentando administrar. Isso é a parentalidade: transmitir para uma nova geração o caldo de cultura, a língua, tudo o que vem da geração anterior. E os pais são a capilaridade desse processo, são a ponta final na relação criança-adulto. Então, o que a gente precisa hoje? Primeiro, a gente precisa deixar de achar que pode fazer isso no piloto automático, de um jeito ingênuo, e começar a pensar: “A gente quer mesmo transmitir para a nova geração tudo aquilo que a gente recebeu?”. Será que a gente vê que nossa sociedade está colapsando? Então, o que, de fato, a gente quer transmitir? Seria o caso de a gente pensar em transmitir uma crítica à nossa sociedade, mas de um jeito que não deixe as crianças desesperadas como nós estamos? Precisamos começar a pensar que, se a sociedade é muito capitalista, muito consumista, muito capacitista, que valores na sua vida você quer transmitir? Agora, o que uma nova geração precisa, genericamente, transmitir para outra são os próprios valores, a linguagem, um lugar no mundo, ou seja, a configuração de cuidados que possibilita um lugar no mundo, e uma possibilidade daquele sujeito se emancipar de você, para uma independência. Tudo isso está no jogo daquilo que seria o papel dos pais, mas também diz respeito à nossa sociedade repensar consumo, alimentação, repensar estilo de vida, os laços que a gente faz, o que a gente realmente dá valor, se é importante trocar de carro ou ir a pé. Acho que a coisa que a gente mais precisa fazer é se repensar.

AS REDES SOCIAIS SE REVELARAM COMO UMA FERRAMENTA QUE NOS AFETA PELO ANONIMATO E PELA FALTA DE RESPONSABILIZAÇÃO

Em uma de suas colunas no jornal *Folha de S.Paulo*, você reflete sobre a emissão deliberada de opiniões, sem filtros e sem censura nas redes sociais. O que estaria desencadeando esse tipo de comportamento?

A formação de todos nós é um grande processo de abdicar do prazer individual em nome do bem comum. Abdicar do que em psicanálise a gente chama de um “gozo individual” em nome de um bem comum. Então, desde pequenininho, você queria comer tudo sozinho, mas seus pais falavam que você tinha que dividir com seu irmão. Você dividia a contragosto, mas te elogiavam – “Ai, que bonitinho ele dividindo com o irmão” –, e você se alimentava daquele elogio. Tem todo um jogo no qual a gente vai a duríssimas penas aprendendo a controlar os impulsos, a controlar o que fala. Isso é civilizatório e permite que a gente tenha relações, que não saia se matando. Então, tudo que os pais se furtam de fazer com medo de serem repressivos, mas que é absolutamente necessário, como o fato de que as crianças não batam nos pais, não batam nos outros, não xinguem, os pais têm que transmitir isso para os filhos, porque quando não o fazem é péssimo para as crianças. Assim, a gente faz essa renúncia pulsional, da saciação imediata, em nome de um bem comum, para ser inserido no mundo. Mas esse prazer individual fica represado. Como nosso desejo de sair e dizer cobras e lagartos o tempo todo. É um exercício diário contar até mil toda vez que alguma coisa te desagrade. Só que com a ferramenta da internet, as pessoas viram ali um megafone para falar tudo aquilo que estava represado, todos os incômodos que elas não se dão ao trabalho de perguntar de onde vêm. Porque, quando você tem uma conversa *tête-à-tête*, mesmo fora de uma análise, o outro te checka e fala: “Mas de onde você tirou isso?”. As pessoas que te conhecem podem checkar com você aquela informação. Agora, quando você põe um megafone anônimo, ninguém te checka e você “goza” em termos psicanalíticos. Daí, as redes sociais se tornam um campo solto do sadismo e do masoquismo, uma zona livre da incivilidade que a gente sempre teve e que está em nós, mas antes os sujeitos tinham que se responsabilizar mais pelo que falavam. Hoje você fala um palavrão impensável e na rede social você é uma sigla, uma frase, você não coloca seu nome lá, mas quem leva o xingamento aparece e, ainda assim, quem xinga recebe um monte



Foto: Adriana Vichi

A GENTE QUER MESMO
TRANSMITIR PARA A
NOVA GERAÇÃO TUDO AQUILO
QUE A GENTE RECEBEU?

de *likes* e pensa: “Nossa! Todo mundo gosta de mim”. Então, essa é uma situação grotesca que tende a se tornar cada vez mais violenta até o momento em que iremos pensar em criar uma etiqueta e responsabilizar. Hoje a gente tem alguns momentos importantes de responsabilização de algumas figuras públicas que falaram o que não deviam. Isso gera uma comoção, mas não estanca a ferida. É importante que todas sejam responsabilizadas.

A ARTE NUNCA FOI E JAMAIS SERÁ SUPÉRFLUA, OU UM LUXO, PORQUE ELA ESTÁ ALI NAS NECESSIDADES MAIS BÁSICAS PARA SE SOBREVIVER AOS MOMENTOS DE PENÚRIA E PARA PODER VIVER

Ainda sobre as redes sociais, vivemos a chamada “cultura do cancelamento”. Por que o julgamento e a condenação se fazem cada vez mais presentes nesse espaço?

A questão do cancelamento tem muitas nuances. Tem, sim, a ideia de que quando eu critico o outro eu me ponho na posição de “sou melhor que ele”, mas, pensando na resposta anterior, se tem um jogo de gozo de um lado, é de se esperar que tenha um recalque do outro. Acho que são sintomas da mesma coisa. Normalmente, as pessoas tiram frases de um contexto e agem como o chicote do mundo dizendo o que pode e o que não pode ser dito e que a pessoa errou. Só que ela se exime de pensar sobre o próprio erro e entra num lugar de superioridade. Além disso, acho que o que está em jogo nessa relação é a dificuldade que a gente tem de se entender sujeito, de se entender de uma forma mais complexa. A gente vai errar, nossas limitações são permanentes. Agora, eu diria que algumas pessoas precisam ser canceladas. Jogo de gozo na minha *timeline* não tem. Essa fantasia de liberdade de expressão é o fim da civilização, porque, então, meu vizinho me dá bom dia e eu respondo xingando. Acredito que, por um lado tem algo a ser cancelado, que são os casos extremos, e por outro, algo a ser pensado. Acho ótimo quando cometo um erro e a pessoa me fala: “Vera, essa expressão não pode ser usada mais, porque ela remete a tal coisa”. Esse tipo de comentário eu agradeço. Outras vezes, não concordo, mas agradeço a ponderação. E aí a gente entra num cenário que parece ter virado uma raridade e que se chama diálogo. As redes sociais se revelaram como uma ferramenta que nos afeta pelo anonimato e pela falta de responsabilização. Uma ferramenta que é pouco propícia ao diálogo, apesar de haver exceções, mas que também revela algo em nós que estava escondido.

Em entrevistas, você já falou sobre a importância da fruição cultural para compreensão do que sentimos e o espaço que ocupamos em diferentes esferas da vida. De que forma a arte tem exercido um papel importante na promoção da saúde mental, principalmente na pandemia?

Como canta a banda Titãs: “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”. E num nível estratosférico, porque nós somos seres condenados a buscar sentido na vida. A gente não quer só sobreviver, a gente precisa viver e isso a gente vê desde o bebê recém-nascido. Ele não pode ser criado só no nível da necessidade. Infelizmente e felizmente, a gente precisa basicamente de sentido, de laço afetivo, de desejo, de se sentir amado. Somos ávidos por esse encontro com a gente mesmo, com o outro, com os afetos. A gente simplesmente não sobrevive sem isso. Então, mais do que nunca, esses momentos excepcionais, como pandemias e guerras, são momentos em que o oxigênio da arte precisa ser bombeado em nós. Isso ficou muito claro e, para quem não sabia, foi a grande chance de entender porque a arte nunca foi e jamais será supérflua ou um luxo. Ela está ali nas necessidades mais básicas para sobreviver aos momentos de penúria, para poder viver. E a vida é sempre muito maior do que o aparelho psíquico, do que a linguagem, do que as nossas competências mentais são capazes de abarcar. E essa experiência da vida é tão brutal que ela às vezes exige formas de nomeação que a linguagem não dá conta. A linguagem vai até certo ponto e ela tem que escapar para essa outra linguagem que é a arte: uma linguagem que escapa dessa racionalidade para nomear o inominável. O que acontece com a arte é que ela nomeia. Quando você assiste a uma peça e chora, você está se identificando e reconhecendo ali a nomeação da sua experiência. Quando você lê um livro, a mesma coisa, quando você fica com raiva

daquele personagem, ou com medo, todos esses são afetos que estão sendo vividos ali numa experiência de nomeação, de simbolização, de reconhecimento, de troca. Temos vários momentos nos quais a arte nos salva. Por isso, quando um governo se mostra contra a arte e diz que ela é supérflua, na verdade eu acho que ele sabe a potência da arte e o risco que ela tem de nos conscientizar de quem somos, do que vale a pena, do que queremos. Ela é extremamente revolucionária e perigosa, sempre foi. Todos os governos autoritários entenderam isso e todos reprimiram artistas e produções artísticas.

Sabemos que, neste momento, você vem se dedicando ao próximo livro. Será um mergulho sobre outras questões e perspectivas acerca da maternidade e de gênero?

Tive que reduzir muito as minhas atividades e comecei um sabático em março para me dedicar a esse livro e mergulhar nisso que estou chamando,

provisoriamente, de “maternidade em crise”, uma vez que ao se tratar de maternidade em crise, trata-se de paternidade em crise e sociedade em crise, porque são todas formas de reproduzir o laço social. Estou tentando mapear um pouco esse beco onde a gente caiu em relação às próximas gerações, e tentar entender de onde a gente vem e aonde a gente chegou para pensar em, eu não diria soluções, melhores questões sobre como cuidar da próxima geração. Esse é um problema de toda a sociedade e acho que a gente tem que pensar sobre isso de uma forma arejada, aberta, pensando nas questões interseccionais, de gênero, no feminismo, nas questões raciais, nas questões de classe. Parar de pensar nessa relação da maternidade ou da paternidade a partir exclusivamente da relação mamãe-bebê, papai-bebê. Então, esse próximo livro reunirá todo o meu trabalho nas últimas décadas. Ele propõe que a gente pense, por exemplo, sobre a paternidade de homens trans que pariram, ou seja, crianças que nascem sem uma mãe biológica.

Discussões para a gente começar a pensar e abrir mão de coisas que se tornaram anacrônicas.

A previsão é de que seja lançado no primeiro semestre de 2023. ■

Foto: Adriana Vichi





ECOS DA ECO-92

LEGADO E DESAFIOS TRÊS DÉCADAS DEPOIS DA
CONFERÊNCIA QUE COLOCOU A PRESERVAÇÃO
DO MEIO AMBIENTE E O DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NA PAUTA GLOBAL

Há exatamente 30 anos, a cidade do Rio de Janeiro preparava-se para receber um evento que até hoje é considerado um marco para a conservação do meio ambiente e adoção de outro modelo de desenvolvimento econômico. De 3 a 14 de junho de 1992, a capital fluminense foi sede da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, que ficou conhecida pelos nomes ECO-92, Rio-92 e Cúpula da Terra. Jornais, revistas, rádios e canais de televisão colocaram o termo “ecologia” em pauta, enquanto lideranças políticas dos cinco continentes, organizações não governamentais e intergovernamentais sentaram-se à mesa para discutir um modelo sustentável de desenvolvimento baseado na conservação dos recursos naturais do planeta. Hoje, três décadas depois, qual o legado da ECO-92 e quais desafios batem à nossa porta? Para onde precisamos caminhar nos próximos 30 anos?

Renomado climatologista e um dos cientistas brasileiros mais conhecidos mundialmente, Carlos Nobre esteve presente na Rio-92, onde apresentou dados preliminares de um experimento realizado na Floresta Amazônica. Feito em cooperação com a Inglaterra, o estudo Abracos (em inglês, *Anglo-Brazilian Amazonian Climate Observation Study*) teve início em 1990 e foi concluído em 1996. “Ali, em 1992, eu tive a oportunidade de apresentar resultados iniciais, mostrando como a floresta interage com o sistema climático, com a atmosfera, e os efeitos quando se desmata a floresta para criar pastagens”, recorda Nobre, que foi presidente do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas e foi nomeado, em maio deste ano, membro da Royal Society, uma das academias de ciência mais tradicionais no mundo – o climatologista é primeiro brasileiro a ser convidado a ingressar na instituição criada em 1660, com sede em Londres.

Trilha do Sentir, na Reserva Natural Sesc Bertioga, área natural protegida e de uso sustentável: um espaço geográfico planejado e gerido pelo Sesc São Paulo com a finalidade de conservar e cuidar do patrimônio natural, integrando a sociedade nesse processo.

“Naquele experimento, vimos a capacidade impressionante da floresta de reciclar água. Durante a estação seca, a floresta continuava a transpirar água o tempo todo, enquanto a pastagem não. Além disso, a temperatura aumentava mais nas pastagens. Nós também já estávamos fazendo medidas do fluxo de gás carbônico: constatamos que a pastagem contribuía para emissão de gases de efeito estufa, enquanto a floresta é o que chamamos de sumidouro de carbono, contribuindo para retirada de gás carbônico da atmosfera”, conta (*leia Entrevista publicada na Revista E nº 296, de junho de 2021*).

Para o climatologista, o crescente interesse da ciência em estudar os impactos humanos sobre o meio ambiente é um dos frutos da ECO-92. “Foram constituídos grupos de trabalhos científicos, principalmente na questão das mudanças climáticas e da proteção à biodiversidade. Então, a ciência tem avançado muito nessas áreas e vem mostrando os crescentes riscos de não combatermos as mudanças climáticas e de não protegermos a biodiversidade. Inclusive, as mudanças climáticas são uma grande ameaça à biodiversidade, afetada pelo desmatamento, degradação, fogo e poluição”, ressalta.

Somado ao interesse da comunidade científica, houve ainda um maior envolvimento do setor de inovações tecnológicas em resposta à preocupação com a degradação do meio ambiente, segundo Carlos Nobre. “Nós produzimos, nesses últimos 30 anos, inúmeras soluções. Por exemplo, mais de 70% das emissões globais ainda são provocadas pela queima de combustíveis fósseis – carvão, petróleo e gás natural –, mas, hoje, a tecnologia de energias renováveis é totalmente viável, pode ser escalável globalmente e é muito mais barata. Outra solução é a agricultura moderna regenerativa na contramão da monocultura, que provoca desmatamento e destruição de biomas. Infelizmente, a velocidade com que essas soluções são implementadas no dia a dia do planeta é insuficiente. Essa é a grande preocupação global e da comunidade científica”, acrescenta o cientista, que é proponente do **Amazônia 4.0** – projeto que busca demonstrar a viabilidade de uma nova bioeconomia de floresta em pé e rios fluindo para a Amazônia, incorporando conhecimento científico e inovações tecnológicas com conhecimentos de povos indígenas e comunidades locais.

Outra herança da ECO-92 são pactos e acordos que reverberam até hoje. “Esta conferência nos deixou uma riqueza de legados como os três dos mais importantes marcos internacionais sobre desenvolvimento sustentável e meio ambiente: a Convenção-Quadro sobre Mudança do Clima, a Convenção sobre a Diversidade



Foto: Leticia Valverde/Silverback

O climatologista Carlos Nobre também esteve presente na ECO-92, onde já alertava para os impactos provocados pelo desmatamento da Amazônia.

Biológica (CDB) e a Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca. Além dessas convenções, a Declaração do Rio e a Agenda 21 (*leia o boxe Marcos Temporais*) foram essenciais para a consolidação do conceito de ‘desenvolvimento sustentável’ e ainda são referências para as principais negociações internacionais”, destaca Alexandre Prado, diretor de economia verde da organização não governamental WWF-Brasil.

Segundo Prado, a manifestação da sociedade civil foi outro legado da ECO-92. “O então chamado Fórum Global Paralelo, das ONGs, no Aterro do Flamengo juntou diversas tribos da sociedade civil planetária que mostravam sua cara na primeira conferência global de meio ambiente. A sociedade civil se organizou, participou e influenciou o processo, mudando para sempre o formato das conferências da ONU que passaram, a partir dali, a envolver os chamados *major groups*, segmentos relevantes a serem envolvidos nas discussões e pactuações”, complementa.

FUTURO NO PRESENTE

Em 1992, o engenheiro florestal Pablo Hoffman era um adolescente e já acompanhava pela televisão a preocupação global com o meio ambiente. “A bem da verdade, ainda éramos muito jovens à época, tínhamos 14 ou 15 anos, mas sabíamos que algo de interessante estava acontecendo, pois o evento teve muita publicidade”, relembra Hoffmann que, ao cursar a faculdade de Engenharia Florestal na Universidade Federal do Paraná (UFPR), também se dedicaria à preservação da biodiversidade, mais precisamente, à preservação de florestas de araucárias no sul do Brasil.

Foi na universidade que ele desenvolveu, junto a outros amigos, o projeto que daria origem à **Sociedade Chauá**. Hoje, o instituto sem fins lucrativos mantém um viveiro com mais de 215 espécies de araucárias, incluindo 80 plantas raras, visando sua reprodução e reintrodução na natureza. Diretor executivo da instituição, em abril deste ano, Hoffmann recebeu o *Whitley Awards*, prêmio concedido anualmente pela fundação britânica homônima a seis líderes conservacionistas da Ásia, África e América Latina. “Um tempo depois da ECO-92, pudemos entender que aquele momento foi um marco para vários temas voltados à conservação da natureza. A partir daquele evento, muitas outras ações surgiram e foram sendo ampliadas, culminando em muitas das estratégias e iniciativas globais de proteção dos recursos naturais que temos hoje,” destaca o engenheiro florestal.



Foto: Sociedade Chauá/Brazil, Fieldwork-harvesting-seed

Dedicada à preservação de florestas de araucárias no sul do Brasil, a Sociedade Chauá soma-se a outros institutos sem fins lucrativos que são frutos da Cúpula da Terra.



Foto: Sociedade Chauá
Brazil, Araucaria Forest

Gerações seguintes às de Pablo Hoffmann seguem demonstrando engajamento e compromisso ambiental. São filhos e netos da ECO-92 que carregam nas mãos a possibilidade de mudanças efetivas, segundo o climatologista Carlos Nobre. “Infelizmente, a minha geração não entregou um mundo sustentável para a geração da Greta Thunberg [ativista ambiental sueca de 19 anos, reconhecida como uma das vozes da nova geração pela preservação do meio ambiente], que já tem uma percepção muito clara dos riscos que o planeta corre”, observa.

Formada em Relações Internacionais, a jovem embaixadora da ONU Amanda Costa faz parte dessa geração com menos de 30 anos que realiza e participa de ações de mobilização de outros jovens para construir um mundo inclusivo, colaborativo e sustentável. “Eu sou uma mulher preta de periferia e percebi que a crise climática está impactando a galera de quebrada e nós não estamos nos espaços de poder. Também percebi que existem organizações multilaterais que estão dialogando sobre isso, mas poucas vezes esse assunto chega na quebrada. Quando eu percebi essa lógica, decidi que queria ser uma porta-voz da minha comunidade, da juventude brasileira preta e periférica e quero ser porta-voz de um novo modelo de vida”, explica.

Movida pelo objetivo de ampliar o debate sobre a crise climática, Amanda e outras jovens criaram o **Perifa Sustentável**, instituto que promove ações e elabora projetos que reivindicam a democratização e a representatividade da juventude para justiça racial e ambiental nos locais de tomada de decisão. “A Rio-92 foi um marco, porque nos mostrou que a gente precisa desenvolver políticas, estratégias e soluções para contemplar a sustentabilidade dentro desse projeto de futuro”, analisa.

Presente nas redes sociais e outras plataformas digitais compartilhando informações e ações para as quais é convidada a participar dentro e fora do Brasil, Amanda acredita que sua geração é fruto de todo um caminho trilhado, há mais de 30 anos. “Se eu estou aqui hoje, atuando como ativista climática, se hoje eu sou conselheira do Pacto Global da ONU, é porque antes pessoas criaram esse caminho com muita luta e determinação para que a gente pudesse, de fato, chacoalhar a sociedade e mostrar que não vai ter desenvolvimento se ele não for sustentável, se não diminuírem as desigualdades sociais, se não houver uma economia inclusiva ao mesmo tempo em que somos ambientalmente responsáveis”, conclui.

(Por Maria Júlia Lledó)



Foto: Ivan Pacheco



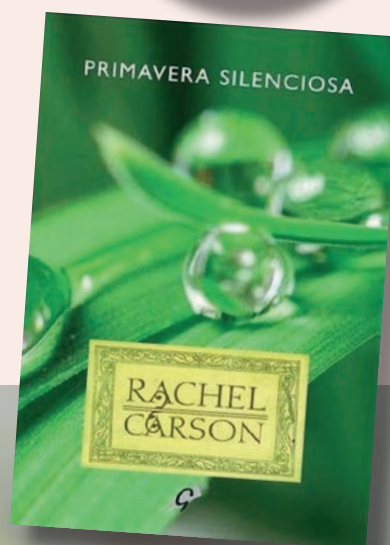
Foto: Arquivo pessoal

A jovem embaixadora da ONU Amanda Costa (à esquerda e acima, na COP26) faz parte de uma nova geração que atua em mobilizações pela preservação do meio ambiente e por um modelo de desenvolvimento sustentável.

Imagine uma primavera sem o som de pássaros e de insetos polinizadores responsáveis pela estação mais florida do ano? A hipótese foi lançada há 60 anos no livro *Primavera Silenciosa*, da bióloga estadunidense Rachel Carson (1907-1964). Reconhecida como a primeira publicação a alertar a sociedade para os malefícios dos agrotóxicos, a obra é resultado da compilação de estudos realizados pela cientista em 1962 (mesmo ano do lançamento do livro) e que logo se tornou um *best-seller*. Ao chocar a sociedade da época, o livro ainda provocou uma grande repercussão no cenário político. O então presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, abriu uma comissão para apurar as sérias conclusões tiradas por Carson sobre os efeitos nocivos de pesticidas à saúde humana e de outras espécies da fauna e da flora. Apesar de ter sido contestada, criticada e ter sofrido ataques, Carson teve seu trabalho levado adiante. Em 1972, o governo finalmente banuiu nos Estados Unidos o composto químico DDT (diclorodifeniltricloroetano) – primeiro pesticida moderno largamente usado durante e após a Segunda Guerra Mundial – e o trabalho de Rachel Carson conduziu à primeira grande campanha contra o uso de agrotóxicos, despertando cidadãos e governos em todos os continentes para as causas ambientais.



Foto: U.S. Fish and Wildlife Service/Domínio Público



Editora Gaia/Divulgação



Foto: Pixabay

MARCOS TEMPORAIS

CONFIRA UMA LINHA DO TEMPO DE IMPORTANTES EVENTOS E ACORDOS AMBIENTAIS

1972

Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente

Conhecida como Conferência de Estocolmo, por ter sido realizada em junho na capital da Suécia, essa foi a primeira conferência ambiental no mundo e reuniu líderes de 113 países e 250 organizações internacionais. Um dos principais resultados da conferência foi a Declaração das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, também chamada de Declaração de Estocolmo, documento que destaca a responsabilidade dos países no planejamento do desenvolvimento econômico de incluir a preservação

dos recursos naturais. Nessa conferência também foi instituído o dia 5 de junho como Dia Mundial do Meio Ambiente.



Foto: UN Photo/Victoria Nagata

1972

1995

1ª Conferência das Partes, em Berlim (Alemanha)

Durante a conferência, que ficou conhecida como COP-1, foi estabelecido o Mandato de Berlim, cujo objetivo principal era o consenso de todos os países para tomar ações mais enérgicas quanto à mitigação do efeito estufa. Foi definido, também, que deveria ser elaborado um protocolo ou instrumento com comprometimento legal entre todas as partes, para tornar oficial essa meta, sendo definido como prazo para elaboração do documento o ano de 1997.

1992

1995

1992

Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento

Realizada no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, a ECO-92, Rio-92 ou Cúpula da Terra, como também ficou conhecida a conferência, retomou os pontos abordados na Declaração de Estocolmo e reconheceu que os problemas que antes tinham abrangência local eram, de fato, globais. Constatou-se que o modelo de desenvolvimento econômico que visava a exploração máxima de recursos naturais era insustentável. Entre os principais documentos resultantes da conferência estão: a Convenção sobre a Diversidade Biológica (CDB), a Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca e a Convenção-Quadro sobre Mudança do Clima – nela foram definidos compromissos e metas para todos os países, o que ficou conhecido como Conferência das Partes (COP). Também foi firmada a Agenda 21, que, entre os objetivos, estava a cooperação dos países desenvolvidos para acelerar o desenvolvimento sustentável dos países em desenvolvimento; o combate à pobreza; e mudança nos padrões de consumo. Também foi estabelecido um período de dez anos para a realização de uma nova conferência a fim de discutir e avaliar os resultados obtidos.



Foto: Un Photo/Michos Tzovaras

1997

3ª Conferência das Partes, em Kyoto (Japão)

A COP-3 resultou no Protocolo de Kyoto, que representou um tratado complementar à Convenção-Quadro sobre Mudança do Clima, da ECO-92. No acordo foram estabelecidas metas para que os países responsáveis pela maior parte da emissão de gases de efeito estufa promovessem ações de redução. Essa foi, aliás, uma das mais importantes determinações da conferência ao definir compromissos rigorosos no combate ao aquecimento global. No entanto, o Protocolo de Kyoto entrou em vigor apenas em 2005.



Foto: UN Photo/Nicole Algrant

2012

Rio + 20

Sediada na capital do estado do Rio de Janeiro, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável teve como objetivo renovar o compromisso das lideranças políticas com o desenvolvimento sustentável, por meio da avaliação da implementação das decisões adotadas pelas principais cúpulas sobre o assunto e do tratamento de temas novos e emergentes. Além disso, a conferência teve, entre os principais temas, a economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza. A conferência também foi marcada pela criação dos **17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**, que compõem uma agenda mundial para a construção e implementação de políticas públicas que visam guiar a humanidade até 2030.

2015

21ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática

Na COP-21 foi firmado o Acordo de Paris, compromisso mundial que ganhou grande repercussão na mídia desde então. Trata-se de um compromisso assinado entre 195 países para combater a crise climática, colocando como meta a redução da emissão de gases responsáveis pelo efeito estufa. Esse acordo entrou em vigor em 4 de novembro de 2016.



Foto: UN Photo/Pick Bajonias

1997

2002

2012

2015

2019

2021

2002

Rio + 10

Realizada em Johannesburg, África do Sul, a Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável, também chamada de Rio +10, promoveu, para além das discussões sobre a preservação do meio ambiente, a necessidade de mudanças sociais estruturais. Um dos pontos mais importantes foi a busca por medidas para reduzir em 50% o número de pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza (com menos de 1 dólar por dia) até 2015.



Foto: UN Photo/Eskinder Debebe

2019

A Assembleia Geral das Nações Unidas declara o período entre 2021 e 2030 como a **Década das Nações Unidas da Restauração de Ecossistemas**, visando promover a restauração de ecossistemas degradados como uma medida comprovada para combater a crise climática e aumentar a segurança alimentar, o abastecimento de água e a biodiversidade.

2021

26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática

Realizada em Glasgow, na Escócia, a COP-26 estabeleceu a redução nas emissões de carbono em 30% até 2030. Por isso, foi estabelecida a meta preferencial do Acordo de Paris de não deixar que a média da temperatura global ultrapassasse um aumento de 1,5°C em relação ao período pré-industrial. Até agora, entre os cinco principais emissores, China, Rússia, Irã, Índia e Estados Unidos, apenas o último assinou o compromisso de redução. Ainda durante a conferência, o governo brasileiro também se comprometeu com a redução de 50% das emissões de gases associados ao efeito estufa até 2030 e com a neutralização das emissões de carbono até 2050.

AÇÕES E INOVAÇÕES

SEMINÁRIO E OUTRAS ATIVIDADES NAS UNIDADES DO SESC SÃO PAULO CONVIDAM O PÚBLICO A PARTICIPAR DE DEBATES E INICIATIVAS VOLTADAS À SUSTENTABILIDADE

Neste ano, marcos importantes para a construção do ambientalismo no mundo e no Brasil – 60 anos do lançamento do livro *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson; 50 anos da Conferência de Estocolmo; e 30 anos da Rio-92 – evidenciam o amadurecimento de espaços de reflexão e a multiplicação de iniciativas de preservação da biodiversidade e de desenvolvimento sustentável. Como legado, esses marcos também apontam a necessidade de inclusão social em diálogos e tomadas de decisões que concernem a todas as camadas da sociedade pela preservação da vida na Terra.

Desde 2016, por meio do projeto *Ideias e Ações para um Novo Tempo*, as unidades do Sesc São Paulo mapeiam em seus territórios iniciativas socioambientais voltadas ao desenvolvimento local e que tenham, entre outros atributos, potencial educativo e práticas de respeito ao ambiente e à diversidade cultural. Essas iniciativas participam junto ao Sesc na realização de ações educativas e de espaços de encontro para a troca de conhecimentos e saberes. Somam-se a esse projeto outras ações permanentes e uma programação especial que, no mês em que se celebra o Dia Mundial do Meio Ambiente (5 de junho), reforçam a importância de repensarmos a forma como habitamos, enquanto indivíduos e sociedade, nosso planeta.

Para isso, serão realizadas oficinas, vivências, encontros e outras atividades nas unidades do Sesc São Paulo. Em parceria com a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), por meio da Cátedra Sustentabilidade e Visões de Futuro, acontecerá o seminário *Trajetórias do Ambientalismo Brasileiro*, que convida pesquisadores e especialistas de diferentes campos do conhecimento para mesas de debates nos dias 29 e 30/06, no Sesc Belenzinho.

“A tônica do seminário é refletir sobre diferentes formas de enfrentamento do movimento ambientalista e seus protagonistas, bem como sobre a ampliação do espectro de sua atuação, tornando indissociáveis as pautas ambientais e sociais. Os temas propostos traduzem essa preocupação, com uma abordagem histórica: o importante papel das ONGs e das lideranças que estão em diferentes territórios de luta, e a importância de se garantir o pensamento crítico em um cenário de negacionismos, que coloca em risco os campos da ciência, educação e cultura”, afirma Virginia Chiaravallotti, assistente da gerência de Educação para a Sustentabilidade e Cidadania do Sesc. “A atualidade desse debate é um convite a todas as pessoas que se interessam pela vida em sociedade de forma mais justa, sustentável e em equilíbrio com as demais formas de vida”, complementa.

Saiba mais sobre o seminário em: www.sescsp.org.br/ideiaseacoes e confira outros destaques da programação nas unidades do Sesc São Paulo: www.sescsp.org.br.



Foto: Pixabay

SESC ITAQUERA

Vivência - Justiça Climática na ZL

Como as mudanças climáticas têm afetado a vida das pessoas? Essa pergunta será guia para um debate itinerante que terá como contexto o Jardim Keralux. Durante a vivência, os participantes farão um percurso por esse território e participarão de um bate-papo sobre como comunidades historicamente marginalizadas são as que mais sofrem os impactos socioambientais das mudanças climáticas.

(Dia 04/06, sábado, das 9h às 13h.

A atividade será realizada no Jardim Keralux, região de Ermelino Matarazzo, onde também está localizada a USP Leste).

SESC SOROCABA

Oficina – Educação em Ciências e Humanidades

Apresentação dos conceitos de ecomercado, economia solidária, consumo consciente e agroecologia. Também serão oferecidos produtos nativos sustentáveis da Mata Atlântica e da região metropolitana de Sorocaba, que permitem geração de renda para os agricultores e a conservação da floresta nativa. (Dia 12/06, domingo, das 12h às 18h).



Foto: Pixabay



Foto: Pixabay

SESC BAURU

Mostra de Iniciativas Socioambientais

Esse encontro vai reunir agricultores familiares e pequenos artesãos de Bauru e região, visando inspirar diálogos sobre outros modos de viver e de se relacionar com a terra. Além do compartilhamento de saberes, iniciativas socioambientais apresentarão seus produtos ao público para comercialização. (Dias 18 e 19/06, sábado e domingo, das 14h às 18h).

SESC CONSOLAÇÃO

Oficinas – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável na Prática

Ciclo de oficinas que apresentará tecnologias verdes de baixo custo que podem ser implantadas em residências ou prédios, e que podem contribuir para a minimização dos efeitos relacionados às mudanças climáticas. As oficinas serão ministradas pelo Coletivo Verde e mobilizarão um dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU. (Dias 05/06 e 19/06, domingos, das 10h30 às 13h).



Reprodução



Faces de um enigma

OS PASSOS PRECISOS E INIGUALÁVEIS DA ESCRITORA PAULISTANA

LYGIA FAGUNDES TELLES

Nas últimas páginas dos cadernos escolares, com a caligrafia típica de uma menina de oito anos, foram escritos os primeiros contos de uma autora que, décadas depois, seria reconhecida como uma das maiores e mais premiadas escritoras do país. Até o fim da vida – encerrada em 3 de abril, aos 103 anos – Lygia Fagundes Telles permaneceu fiel à garotinha imaginativa, criativa e atenta ao seu entorno. Adulta, desafiou convenções sociais e encarou com ousadia a subjugação feminina presente nos diferentes espaços que frequentou, especialmente no meio literário, para dar forma a um universo narrativo único, misterioso e denso, onde a busca por uma linguagem apurada se destacou magistralmente.

“Lygia Fagundes Telles esteve comprometida com a *escuta do mundo* desde os primeiros textos”, afirma Lourival Holanda, professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). “Um escritor se percebe sobretudo pela sua atitude diante da linguagem. Fundo e forma se intercambiam num modo feliz. É assim grande parte dos textos de Lygia: uma sintaxe cuidadosa que fabrica uma visão de mundo singular. Não traz o intuito sinuoso da poética de Clarice Lispector (1920-1977), nem a contundência de Hilda Hilst (1930-2004). Lygia mascara de simplicidade a rudeza de seu real, faz parecer simples a trama de sua narrativa; depois, desconcerta o leitor e faz da surpresa, satisfação. Marcas de um registro literário encorpado, de nervos firmes”, atesta.

PREPARANDO O SALTO

Sua estreia literária foi com o livro de contos *Porão e sobrado*, de 1938. Antes, a filha do promotor Durval de Azevedo Fagundes e da pianista Maria do Rosário já publicava pequenas narrativas de mistério em jornais como a *Folha da Manhã*. Na juventude, a autora estudou Educação Física na Universidade de São Paulo (USP). Finalizada a graduação, ingressou na prestigiosa Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, também da USP, no centro da capital paulista, e reduto intelectual modernista. Lygia foi uma das primeiras mulheres a integrar a instituição. Embora escrevesse e publicasse muito, não tinha o mesmo

prestígio dos colegas. A notoriedade viria apenas com a publicação do romance *Ciranda de pedra*, em 1954. Ouviu, em reiteradas ocasiões, que era bonita demais para ser uma escritora séria.

Em carta ao escritor e amigo Erico Veríssimo (1905-1975), datada em 9 de setembro de 1941

e hoje parte do acervo do Instituto

Moreira Salles (IMS), relatou um episódio em que um editor insistia em ter uma fotografia dela na capa do livro – sem ao menos ler os originais do seu trabalho:



Reprodução: Adriana Vichi

Erico Veríssimo, vou lhe contar um segredo. Promete não divulgar? Então, ouça: tenho um livro pronto! Sim, senhor! Um livro com catorze contos! Dei-o a um editor, mas o diabo do homem, antes de ler os originais, cismou que a minha cara devia ser muito mais interessante do que os contos todos e por isso decidiu botar o meu retrato no livro. Com bons modos, disse-lhe que achava isso muito ridículo. Insistiu. Fiquei zangada; minha cara nada tem a ver com a obra. E tem, não tem, aparece, não aparece... Conclusão: sugeri que botasse o retrato da avó dele. Nesse ponto, resolveu não falar mais nisso. Mas aí eu já estava de mau gênio e exigi a papelada de volta. Agora estou com tudo aqui na gaveta.

Edgars Koronevskis/Privatay



Foto: Acervo Lygia Fagundes Telles/IMS

FANTASIAR O REAL

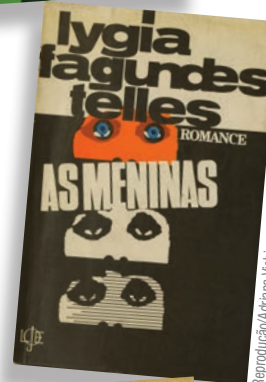
O desfecho do incidente provocou o adiamento do lançamento do livro de contos *Praia viva*, que seria publicado somente em 1944, mesmo ano em que Lygia se formou em Direito. A história contada ao amigo Veríssimo oferece, também, uma amostra da presença de espírito da criadora – sarcástica, divertida e firme opositora às tentativas de objetificação feminina. Na passagem pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, a escritora conheceu o primeiro marido, o jurista Goffredo da Silva Telles Júnior (1915-2009), com quem teria o único filho, o cineasta Goffredo da Silva Telles Neto (1952-2006). No mesmo local, foi apresentada à poeta Hilda Hilst, de quem seguiu como amiga por toda a vida (*Leia mais no box Na companhia de Lygia*). Outra parceria marcante ocorreu em 1963, da união com o crítico de cinema Paulo Emílio Sales Gomes (1916-1977), um dos fundadores da Cinemateca Brasileira, entidade já presidida por Lygia e da qual era conselheira.

A postura combativa se fez notar, ainda, na militância em oposição ao autoritarismo do Estado Novo (1937-1945), regime implantado pelo ex-presidente Getúlio Vargas (1882-1954). Já na década de 1970, liderou o grupo de intelectuais que, contrários à censura instituída após a promulgação do Ato Institucional Número Cinco (AI-5), de 1968, foi pessoalmente a Brasília entregar o *Manifesto dos Cem Mil* no Ministério da Justiça, sob claro risco de prisão. Entre os signatários do texto, o poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), outro grande amigo da escritora.

Ainda nos anos 1970, lançou algumas de suas obras de maior repercussão, entre elas *Antes do baile verde* (1970), *As meninas* (1973) e *Seminário dos ratos* (1977). “Num primeiro momento, Lygia Fagundes Telles buscava uma linguagem que desse conta do fechamento cultural do Brasil no entorno da ditadura de 1964. A compressão política e pessoal transfigurada em personagens que, entre tensões e temores, internalizavam os impasses de – mais um – mau momento da cultura brasileira. Basta ver a dramaturgia densa de *As meninas*. Pelo romance, um escritor assim pondera e pensa o país; só tem o peso das palavras quando a política apodrece”, aponta o professor Lourival Holanda.



Reprodução/Adriana Vichi



Reprodução/Adriana Vichi



Reprodução/Adriana Vichi

LÓGICA NO ABSURDO

Há pelo menos três Lygias escritoras: a dos contos, a dos romances e a das crônicas. Essa é análise de Nilton José Melo de Resende, professor da Universidade Estadual de Alagoas (Uneal). “A primeira é a que mais contribuiu para seu *status* não apenas na literatura produzida no Brasil, mas no nosso idioma, principalmente pelo domínio de um modo específico desse gênero, que ela estudava e conhecia com uma profundidade muito difícil de encontrar entre as pessoas que escreveram ou escrevem contos”, pontua.

“A segunda é a que, sabendo da natureza proteica do romance, elegeu esse gênero como seu espaço de experimentação. Se em seus contos nada falta e nada sobra, em seus romances (ao menos a partir de *Verão no aquário*, de 1964) há muitas vezes a sensação de que algo está falhando, de que se deu bastante liberdade à obra, numa escrita sem medo do risco; e aqui lembro-me do acertado título que a brilhante Nelly Novaes Coelho (1922-2017) deu a um estudo sobre o romance *As horas nuas* (epítome dessa liberdade), de 1989: *a falência da razão ordenadora*”, destaca Nilton José. Já a terceira faceta de Lygia era, segundo o professor, aquela que exercia um lirismo impossível de estar presente nos contos ou nos romances.

O legado de Lygia Fagundes Telles pode estar nas ficções em que a escolha da voz narrativa é essencial para o texto. “Naquelas em que, na leitura, a razão é destronada e dá lugar ao não controle do que está fora ou dentro de nós, aceitando-se o mistério em torno do que é narrado e em torno da intimidade das personagens e de nós mesmos; naquelas em que não



Carlos Drummond de Andrade, Francisco de Assis Barbosa, Carlos Ribeiro, Manuel Bandeira e Lygia Fagundes Telles.

há medo de mostrar como somos feitos de matérias díspares e às vezes avessas”, acrescenta Nilton José Melo de Resende.

Por tamanha engenhosidade, a escritora venceu quatro vezes o prêmio Jabuti de Literatura. Em 1966, com *Jardim selvagem*; em 1974, com *As meninas*; em 1996, com *A noite escura e mais eu* e em 2001, com *Invenção e memória*. No ano de 2005, viria a consagração internacional, ao ser agraciada com o prêmio Camões, o mais importante reconhecimento da literatura em língua portuguesa.

Lygia também foi a terceira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1985. Antes dela, somente as escritoras Rachel de Queiroz (1910-2003) e Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982) ocupavam uma cadeira na centenária instituição cultural – onde se somariam, mais tarde, Nélida Piñon, Zélia Gattai (1916-2008); Ana Maria Machado, Cleonice Berardinelli, Rosiska Darcy e, desde 25 de março de 2022, Fernanda Montenegro. ■

(Por Manuela Ferreira)

Encarei-a. Via agora que assim nos tratávamos há anos, variando apenas a graduação da ironia que podia chegar até ao sarcasmo. Uma simples conversa de rotina, como tantas outras nas quais as estocadas mais ou menos profundas eram iniciadas por mim. E ela se defendia ou não se defendia, o que era pior ainda. Apenas não notara que no momento eu queria a trégua.

— Vou pedir à titia que vista uma roupa de fada e me transforme num peixe. Deve ser boa a vida de peixe, murmurei.

— (...) Não se esqueça de que eles vivem dentro de um palmo de água quando há um mar lá adiante.

— No mar, seriam devorados por um peixe maior, mãezinha.

— Mas pelo menos lutariam. E nesse aquário não há luta, filha. Nesse aquário não há vida.

Trecho do romance *Verão no aquário* (1964)

Na companhia de Lygia

AS AMIZADES LENDÁRIAS QUE PERMEARAM A VIDA E A OBRA DA AUTORA

Hilda Hilst e Lygia Fagundes Telles foram amigas por mais de seis décadas. O companheirismo e a afinidade que tinham eram temas de entrevistas nas quais não apenas enalteciam e celebravam a trajetória literária uma da outra, mas eternizavam histórias simples, cotidianas. Sobre Lygia, Hilda Hilst declarou, na edição número quatro de *Cadernos de Literatura Brasileira*, publicado em 1998 pelo Instituto Moreira Salles:

“Ela diz coisas incríveis. Um dia, ligaram pra ela dizendo que um conhecido nosso, meio distante, tinha acabado de morrer. Eu estava lá. Ela perguntou assim: ‘Mas, me diga uma coisa, ele estava bem?’ Aí o cara disse: ‘Lygia, ele estava morto!’ Ela tinha distrações assim; ‘Mas como ele estava no caixão, ele estava bem?’.

‘Não, ele estava morto!’ Aí, eu tinha ataques de riso, porque não era isso o que ela queria dizer, ela queria saber se ele estava com uma aparência arrumada, porque tem aqueles bossa Oscar Wilde, caindo aos pedaços. Ela quis saber se a aparência dele era normal ou de assustar. Ela era distraída com essas coisas todas e eu ria muito. E outras coisas divertidíssimas”. Em outro fragmento, a autora de *A obscena senhora D* afirmou: “Eu sei que gosto muito dela, até o fim da vida eu vou gostar”.

O romancista, contista, jornalista e imortal da ABL Ignácio de Loyola Brandão foi um dos inúmeros amigos que a autora pescou entre seus pares, e possui lembranças vívidas das décadas de convívio. “Ela dizia que éramos diferentes no texto. O meu era mais rude, áspero, e eu dizia que era incapaz de escrever docemente como ela; mesmo quando Lygia tratava de momentos duros, situações árduas, sempre ia mais ao íntimo. Ela me disse algumas vezes: ‘Lembre-se sempre do que disse Graciliano Ramos (1892-1953):



Foto: Arquivo Lygia Fagundes Telles/IMS

a palavra é para dizer, não enfeitar. Procure, Ignácio, a palavra certa, exata, a palavra precisa. Não fique rodeando, vá direto”.

Entre as recordações mais impactantes, nas palavras de Loyola Brandão, está a participação da escritora em uma conferência na cidade de Colônia, na Alemanha, em que a brasileira encantou uma plateia que sequer compreendia a língua portuguesa:

“Lembro-me que nos anos 1980, estávamos em uma mesa mediada pela grande Ray-Güde Mertin (1943-2007), tradutora e agente. Falávamos em português

para uma plateia de alemães. Cerca de cem pessoas, todas com o fone de ouvido, tradução simultânea. Marcio de Souza falou, depois, João Ubaldo Ribeiro (1941-2014), eu, e a Lygia fecharia. Claro, a melhor encerrava. E ela era a melhor. Ela começou e foi mudando a marcha. Foi se deixando possuir. E, finalmente, o santo desceu e Lygia fascinou aquele grupo. Quem ouviu Lygia falar lembra quando ela encontrava a chave, saía a toda, linda, estrela. Súbito, os alemães começaram a mexer nos fones, a chamar por alguém da técnica porque nada mais se ouvia. A tradutora tinha desmaiado na cabine. Não havia substituta. Alguém foi à frente e comunicou, em alemão, que tinha havido um problema e Lygia falaria mais dois minutos, encerrando a noite. Houve protestos, a maioria pediu que Lygia continuasse falando em português. Era o som da voz dela que penetrava, que encantava, que produzia a magia. E ela continuou. Poucos de nós conseguem isso: juntar voz, interpretação, colocar alma, fúria e paixão, como ela.”

Rumo ao universo lygiano

ESCRITORES E ESCRITORAS SUGEREM POR ONDE COMEÇAR A LER A IMORTAL

Editora Companhia das Letras/Divulgação



A grande obra de Lygia Fagundes Telles é o romance “As meninas”. Obra forte, envolvente, bem escrita. Revela e questiona a ditadura militar de 1964 – um momento dramático da vida brasileira.

Raimundo Carreiro, autor de *Estão matando os meninos* (Iluminuras, 2020), entre outros.

Tendo lido “As meninas” no começo da idade adulta, por volta dos 20 anos, esse livro representou tanto uma possibilidade de diversificar o foco narrativo – recurso que eu ainda não conhecia – como uma porta para a consciência do feminino e do feminismo. Ainda é um livro atual e recomendo sempre.

Noemi Jaffe, autora de *Lili: novela de um luto* (Companhia das Letras, 2021), entre outros.

Editora Companhia das Letras/Divulgação

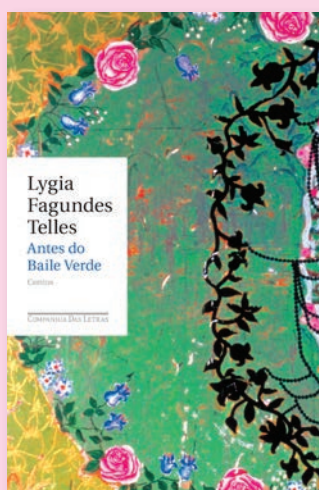


De todos os predcados, o que mais me encanta na obra da Lygia é essa capacidade quase infinita de se reinventar e surpreender o leitor na forma breve. Em “A Estrutura da Bolha de Sabão”, é possível contemplar essa fonte inesgotável de boas histórias e inventividade em máxima potência. Além do conto que dá título ao livro, histórias como “A Medalha” e “O Espartilho” são preciosidades que resgatam alguns dos aspectos preferidos da sua obra, como a crítica social e os conflitos familiares.

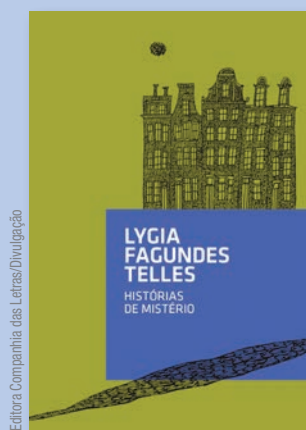
Anderson Estevan, autor de *Oito contos enjaulados* (Confraria do Vento, 2021), entre outros.

A obra de Lygia Fagundes Telles que tem um valor especial para mim é “Antes do Baile Verde”. Tenho o livro até hoje, amarelado, e com a data marcada na primeira página: 20.01.81. Eu tinha 30 anos, uma filha de um ano e meio e estava infeliz num casamento que terminou três meses depois. Me agarrei à Lygia como quem é salva de um naufrágio. Seus contos me inspiraram a seguir em frente, como mulher e como escritora, deixando os mortos para trás e lantejoulas pelo caminho. O conto que dá título ao livro, “Antes do baile verde”, é um monumento da literatura brasileira. Leiam Lygia Fagundes Telles, sigam esse farol.

Ivana Arruda Leite, autora de *Hotel Novo Mundo* (Editora 34, 2021), entre outros.



Editora Companhia das Letras/Divulgação



O livro da Lygia que tem um significado especial na minha vida como leitor e escritor e que, acredito, pode despertar em novos leitores a paixão por seus livros, é “Mistérios”, uma coletânea de contos de 1981 que reúne histórias de tom insólito, onírico e sobrenatural, carregadas de suspense e ironia. Contos de uma mestra da nossa literatura. Ou seja, uma leitura esteticamente potente e, ao mesmo tempo, prazerosa. Daqueles livros difíceis de largar. Sempre releio.

Marcelo Maluf, autor de *A imensidão íntima dos carneiros* (Reformatório, 2016), entre outros.

A força maior de Lygia Fagundes Telles está certamente nos contos, na atmosfera misteriosa que ela constrói em cada um deles, na lenta sedução que convida o leitor a entrar e logo o cobre de sombras. E em seus romances se acentua sua potência política e poética. Mas, tomo um caminho inesperado, e indico a leitura de um livro diferente, do volume inclassificável que leva o título de “Invenção e Memória”. Ali, em textos que oscilam entre o conto, a crônica, o relato autobiográfico, vemos ganhar corpo o grande mistério de toda essa obra: a própria figura de Lygia, sempre inapreensível, quase evanescente.

Julían Fuks, autor de *A Resistência* (Companhia das Letras, 2015), entre outros.



Dos contos, pode-se começar com o microconto (criado por ela muito antes de se tornar moda) “Persona” – uma aula de literatura dada em poucas linhas de um único parágrafo. E seguir com o suspense psicológico de “Venha ver o pôr do sol”, além do monólogo “A confissão de Leontina”, um fluxo de consciência que abarca tudo o que estava contido na personagem, com raízes no preconceito, na violência e na desigualdade social brasileira.

Silvana Salerno, autora de *África: contos do rio, da selva e da savana* (Girassol, 2015), entre outros.



A obra de Lygia, especialmente os contos, são exemplos marcantes, para mim, do vigor e da profundidade que a prosa curta pode nos proporcionar. Além da escrita cuidadosa, dos diálogos construídos com esmero, Lygia imprimiu em suas histórias breves não apenas temáticas novas, mas, também, trouxe angulações de assuntos antes tratados na nossa literatura de forma superficial ou mesmo deixados à margem. Uma obra que nos mostra não apenas o lado cintilante da condição humana, mas sobretudo a sua poção de sombra, sempre ganhará novos leitores.

João Anzanello Carrascoza, autor de *Utensílios-para-a-dor: Histórias-com-hifens* (Faria e Silva Editora, 2020), entre outros.

Em primeira pessoa

REGISTROS AUDIOVISUAIS E LIVROS COMPÕEM ACERVO AO ALCANCE DO PÚBLICO

“Eu trabalhava, estudava, escolhera dois ofícios nitidamente masculinos, era uma feminista inconsciente, mas feminista. Sou escritora e sou mulher. Ofício e condição humana duplamente difíceis de contornar. Principalmente quando eu lembro como o país, as mentalidades, influíam negativamente no meu processo de crescimento como profissional. Eu era reprimida, mas disfarçava bem a minha timidez. E, em meio a imensa carga de convenções cristalizadas na época, ‘não baixar a guarda!’, repetia para mim mesma, ‘não baixar a guarda!’”.



Reprodução

O depoimento, interpretado pelas atrizes Eva Wilma (1933-2021) e Regina Braga a partir de entrevista com a escritora, faz parte do especial *Autor por autor: Lygia Fagundes Telles*, realizado pela SescTV e TV Cultura. Nessa produção, a criadora revisita, com bom humor, momentos marcantes da carreira, além de histórias pessoais – como o encontro com o poeta Vinícius de Moraes (1913-1980), no qual conversaram sobre as origens dos próprios nomes.



Reprodução

Já na série *Tertúlia*, Lygia discorre sobre o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (1839-1908), em conversa com a plateia. No programa, a escritora se coloca na posição de leitora para discutir nuances da personagem Capitu, a mais enigmática e intrigante da literatura brasileira. A autora ainda entremeia a análise com pequenas histórias sobre a sua relação com a obra machadiana – como a aquisição de exemplares nos sebos do Largo São Francisco, no centro da capital paulista, nos seus tempos de estudante de Direito.

Para assistir aos especiais *Autor por autor: Lygia Fagundes Telles e Tertúlia*, acesse:

www.sesctv.org.br/lygia

Para ler

A obra de Lygia Fagundes Telles também faz parte do acervo das Bibliotecas do Sesc São Paulo. Além de disponibilizar livros para empréstimos, e possibilitar a consulta de jornais e revistas, as Bibliotecas do Sesc também realizam ações programáticas como encontros com escritores, narração de histórias, leituras e bate-papos. O acervo da Rede Sesc de Bibliotecas está disponível para consulta no site: sesc.10bibliotecas.com.br.

Murais expandidos

DÍALOGO ENTRE GRAVURA, XILOGRAVURA E GRAFFITI
INSPIRA ARTISTAS E COLETIVOS EM EXPOSIÇÃO QUE
CONVIDA O PÚBLICO A FAZER ARTE

A poucos passos da entrada do prédio do Sesc Consolação, um grande e colorido mural de um vaqueiro com uma lata de *spray* em punho saúda os visitantes da exposição *Xilograffiti*. O mural, criado pelo artista maranhense Romildo Rocha para a empena do edifício da unidade do Sesc, soma-se a outras intervenções da parte externa que transbordam até a parte interna, no espaço de convivência. Cada escada, parede, janela... cada espaço serve como tela para a experimentação das técnicas artísticas da xilogravura e do *graffiti*, que tradicionalmente ocupam as ruas da cidade ou feiras populares – a exemplo da literatura de cordel, na qual a xilogravura se faz presente. “Partimos da ideia de unir essas linguagens, e o que a gente tem é uma instalação imersiva, onde antes de pisar no Sesc, você já está dentro da exposição. Ela te conecta, te transporta. Usamos todo o ambiente como espaço expositivo”, conta o curador Baixo Ribeiro.

Colados, entalhados, impressos ou esculpidos, as gravuras, desenhos, cordéis, lambe-lambes e matrizes da exposição *Xilograffiti* reproduzem mensagens de cunho social, político e cultural. Obras agrupadas em núcleos temáticos – Cordel Raiz, Cordel Contemporâneo, Xilo Urbana, Lambegrafia, Tipograffiti, Graffiti Xilográfico –, pelas quais o público percorre os olhos, mas também é convidado ao papel de criador numa grande exposição-oficina com a presença de artistas de norte a sul do país.

Participam nomes consagrados, como o mestre J. Borges (Bezerros - PE), que realizará uma oficina no encerramento da exposição, no dia 31 de julho, além de jovens artistas e coletivos contemporâneos, como: Samuel Casal (Caxias do Sul - RS), Atelier Piratininga (São Paulo - SP), Turenko (Manaus - AM), Paulestinos (São Paulo - SP), Oficina Tipográfica (São Paulo - SP); Romildo Rocha (São Luís - MA), Derlon (Recife - PE), Xicra convida soupixo, Andréa Sobreiro e Carol Piene (CE), 23ª edição do Projeto Armazém – Mulher Artista Resiste (Florianópolis - SC) e Lau Guimarães (São Paulo - SP).

Na empena do prédio do Sesc Consolação, a obra do artista Romildo Rocha (MA) propõe uma conversa entre a cultura *pop* urbana e a cultura popular do Nordeste.



Visitantes da exposição
Xilograffiti podem
experimentar diferentes
técnicas de impressão e
levar suas próprias criações.

MÃOS À OBRA

Aliás, o convite feito aos visitantes para vivenciar uma experiência artística também é a palavra-chave da exposição. “Isso porque, além de apresentar colaborações entre artistas, a mostra propõe uma colaboração entre artista e público. Ou seja, quem passar por esse espaço expositivo, que também é um grande ateliê, poderá imprimir e compor seus trabalhos em matrizes diferentes, feitas pelos artistas. Dessa forma, o público pode sair com uma obra de arte, seja um fanzine ou um pôster, que ele pode levar para casa”, reforça Baixo Ribeiro.

Para isso, a programação da exposição reúne oficinas, cursos e vivências que responderão aos

múltiplos assuntos, técnicas e processos de cada artista e coletivo presente. Mais do que observar, será possível experimentar como se faz uma xilogravura, carimbo, colagem, estêncil, tipografia, encadernação, além de aprender sobre suportes e mídias, a exemplo de *graffiti*, lambe-lambes, pôsteres, cartazes, panfletos (*flyers*), adesivos (*stickers*), zines, quadrinhos, cordéis etc. “Quem está de passagem pela unidade, quem estava jogando futebol, varrendo o chão, lendo um livro, todos podem vir fazer uma gravura. Essa é uma exposição que penetra no cotidiano da gente”, acrescenta o curador. ■

SERVIÇO

Xilograffiti

Até dia 31/07, terça a sábado, das 10h às 21h, domingos e feriados, das 10h às 18h, no Sesc Consolação.

Confira a programação completa em: www.sescsp.org.br/xilograffiti



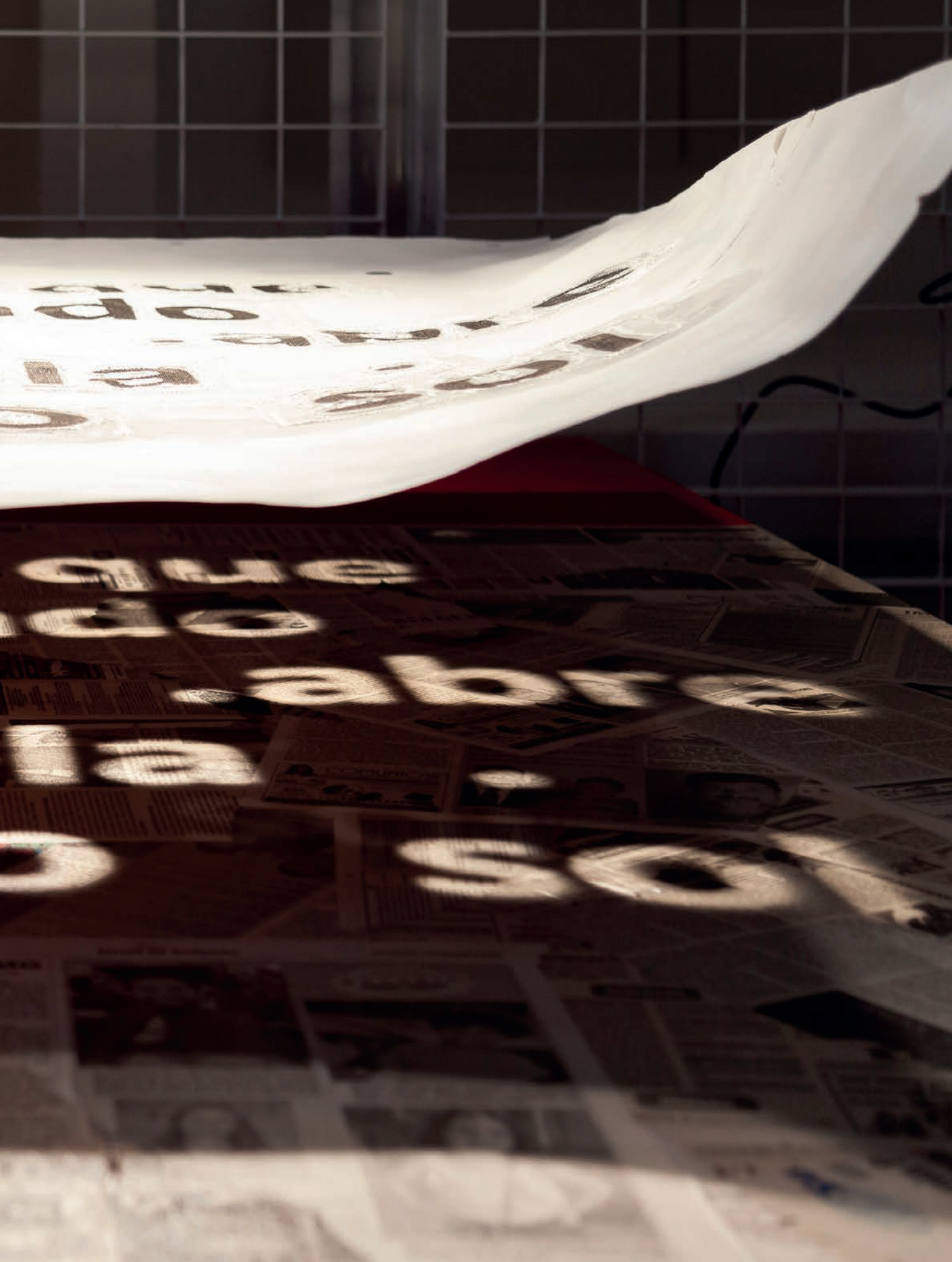
Foto: Ignacio Aronovich

“Quem está de passagem pela unidade, quem estava jogando futebol, varrendo o chão, lendo um livro, todos podem vir fazer uma gravura. Essa é uma exposição que penetra no cotidiano da gente”

Baixo Ribeiro, curador da exposição *Xilograffiti*



Obra da artista Lau Guimarães, que faz parte do núcleo Tipograffiti da exposição: aqui a palavra é o ponto de partida e as técnicas do estêncil se unem.





Obra do artista pernambucano J. Borges (à esquerda) e uma coleção de cordéis produzidos pela gráfica Lira Nordestina exposta em varais (à direita).





PROJETO SESC CORDÉL
FOLHETO DE LINGUAGEM MEDICINAL
DE FOLICULOS E FOLICULOS

A História da
CASA NORDESTINA

Fecomércio CE

PROJETO SESC CORDÉL
Novos Talentos
SESC
Rua da Maitz, 227 - Fone: 518.2055
Jardim da Norte - Ce

Endereço dos Autores	
João Lourenço	Rua 15 de N
Luis de Oliveira	Fone (0
Estado da Bahia	João
Estado da Bahia	João
Estado da Bahia	João

Estado da Bahia
CASA NORDESTINA

PROJETO SESC CORDÉL
FOLHETO DE LINGUAGEM MEDICINAL
DE FOLICULOS E FOLICULOS

JORGE AMADO

PROJETO SESC CORDÉL
FOLHETO DE LINGUAGEM MEDICINAL
DE FOLICULOS E FOLICULOS

PROJETO SESC CORDÉL
FOLHETO DE LINGUAGEM MEDICINAL
DE FOLICULOS E FOLICULOS



Painel de madeira entalhado pelo artista Samuel Casal (RS) como uma matriz de xilogravura.

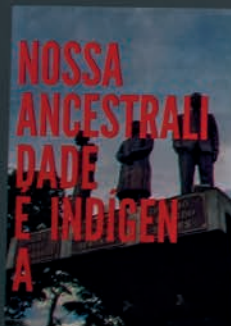
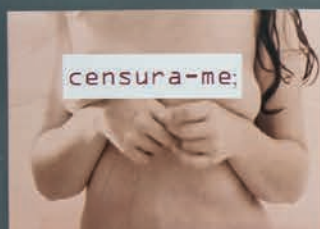


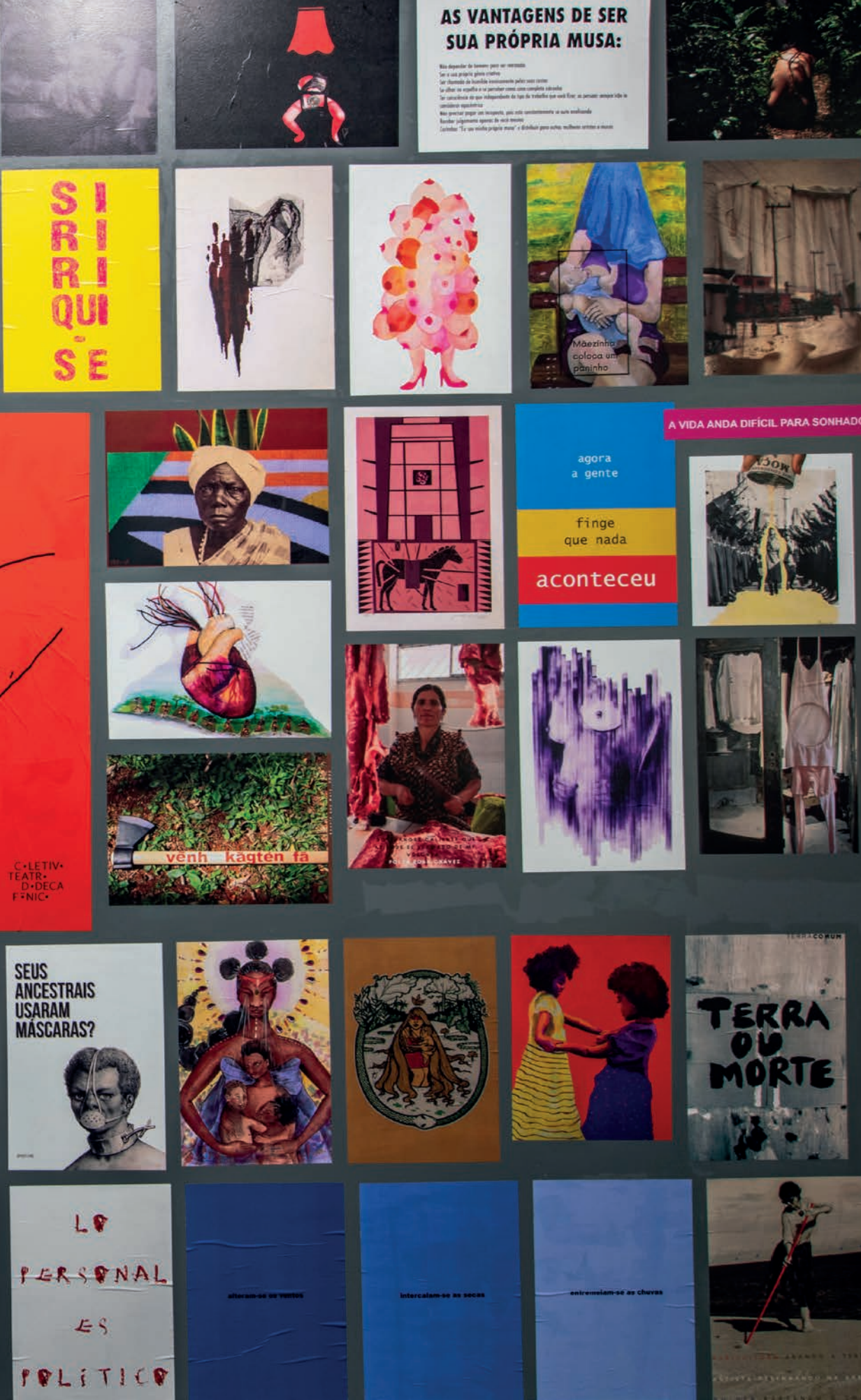


mulher
artista
resiste



eu não sou vista





A 23ª edição do Projeto Armazém – Mulher Artista Resiste (SC) traz um painel com cartazes produzidos em diversas técnicas e suportes, reunindo trabalhos de mais de 100 artistas, a partir do convite da curadora Juliana Crispe.



Foto: Ignácio Aronovich

O Atelier Piratininga (SP) traz uma colagem de lambe-lambes impressos a partir de 12 matrizes em grande formato, que formam a histórica obra do artista renascentista alemão Albrecht Dürer (1471-1528).



Foto: Igracio Aronovich

O mural do artista Derlon (PE) é pintado diretamente sobre uma parede e estabelece uma nova dimensão gráfica para o ambiente da sala expositiva.





Foto: Ignácio Aronovich

Carimbo, colagem, estêncil, tipografia, encadernação e outros suportes compõem a exposição *Xilografitti*.



Foto: Adriana Vichi



O coletivo Paulestinos (SP) apresenta uma colagem em grande formato, composta por lambe-lambes poéticos e imagens que fundem referências do cangaço e dos mangás, unindo a construção de imagens digitais com a poesia visual contemporânea.

Som, câmara e ação!

CONTEMPORANEIDADE E DIVERSIDADE MARCAM NOVO CENÁRIO

DA MÚSICA DE CÂMARA NO BRASIL

Quando pensamos em música de câmara, é provável que venha logo à cabeça um trio ou quarteto de cordas tocando clássicos de Bach, Mozart ou Beethoven, em pequenas salas de concerto e para uma formação seleta de ouvintes. Mas, a música de câmara composta hoje em dia é marcada pela pluralidade de estilos, formações e técnicas, com potencial para conquistar um público cada vez maior e mais diverso.

“Ao longo da história da música ocidental, a música de câmara foi construída para ser interpretada por pequenos agrupamentos de instrumentos, como trios de violinos, quartetos de cordas, octetos de sopros, corais de até 15 vozes. Porém, ela também é aquela *[variedade erudita]* não englobada pela música sinfônica *[de orquestra]*; não é difícil nem hermética, e os ouvidos curiosos costumam se apaixonar por ela”, explica Claudia Toni, uma das curadoras do 4º Festival Sesc de Música de Câmara, que será realizado de 9 a 26 de junho no Sesc São Paulo (*Leia mais no box Entre cordas, sopros e vozes*).

Sobre a contemporaneidade da música de câmara, Toni, que também é especialista em políticas públicas para a cultura e para as artes, explica essa característica. “O festival é prova disso: nele, vamos estreiar três obras compostas por jovens autores. A cada edição, trazemos peças inéditas, encomendadas especialmente para o evento, de artistas que estão produzindo hoje, com o ouvido de hoje, entendendo o mundo de hoje”, destaca a curadora.

No repertório, que ainda inclui obras compostas por mulheres e negros(as), valorizando características como a diversidade, cada vez mais presente na música de câmara, há composições dos séculos 20 e 21. “Aos poucos, vamos rompendo essa prevalência de obras do passado, o que já é preponderante em festivais na Europa e nos Estados Unidos, por exemplo. Estamos seguindo essa tendência”, complementa a curadora.

Foto: Nicole Camis



DEFINIÇÃO ATUALIZADA

Na visão do pianista Cristian Budu, que divide a curadoria do festival com Claudia Toni e vai se apresentar em quatro concertos, o conceito de música de câmara tem mudado e se ampliado. Antes, essa formação era basicamente aquela destinada a ambientes menores, como um salão ou uma sala, e a grupos que cabiam nesses espaços. “Hoje, a definição inclui a noção de diálogo entre partes que ativamente interagem e constroem algo musicalmente, para que seja apreciado num ambiente em que cada pessoa importa”, esclarece.

Assim, baseada em atributos como o compartilhamento de ideias, a música de câmara se abre para infinitas possibilidades. “Existem hoje várias vertentes que vêm do passado, mas vivem no presente e pensam no futuro. Elas vêm de culturas e estilos diferentes que se comunicam e se inter-relacionam”, aponta Budu. Isso significa, segundo o curador, que ao mesmo tempo em que se faz música de câmara tocando um quarteto de Beethoven, por exemplo, ela também está presente em projetos que se expandem para outras áreas, que dialogam com outras formas de arte e trazem o público mais para perto. Além disso, há uma questão intergeracional em que jovens musicistas trabalham e trocam conhecimentos com profissionais mais experientes.

“Toda essa interação de tempos diferentes, e até com outras artes, com o intuito de estabelecer um diálogo entre peças de estilos, épocas e formações distintas num mesmo espetáculo, vem de um pensamento camerístico mais aberto. Hoje em dia, cada vez mais a gente vê grupos que já pensam de outra maneira essa estrutura tradicional da música clássica, rompendo com ela”, diz Budu. Para o curador, a pandemia fez com que os conjuntos tivessem que se reinventar para continuar produzindo mesmo à distância, conectando ideias e musicistas a fim de chegar até o público.

Seja em tempos pandêmicos ou não, a música de câmara incentiva todos os envolvidos (compositores, musicistas, regentes etc.) a debaterem e construir algo coletivamente, o que gera muitas possibilidades e precisa ser incentivado cada vez mais, na avaliação do curador. “Ela permite um espaço onde as pessoas possam cultivar aquilo que represente e seja a cara da sociedade onde está inserida. Ela está presente na interação desses corpos e na maneira como isso dialoga com tantas questões históricas, musicais e estilísticas. Portanto, a música clássica precisa, mais do que nunca, da sua música de câmara”, conclui.



Foto: Edson Kumasaka

Claudia Toni



Foto: Eian Asch

Cristian Budu

DIVERSIDADE NA PARTITURA

A inclusão de jovens, mulheres, negros(as) e moradores(as) de periferias, entre outras maiorias minorizadas, tem sido uma preocupação de instituições na hora de encomendar novos repertórios para a música de câmara, de acordo com Claudia Toni. “Há mais de 40 anos, ainda importávamos músicos. Hoje, isso não é mais necessário, pois uma quantidade expressiva de profissionais se formou e chegou ao mercado. De modo geral, a nossa música clássica ainda é muito branca, mas está se tornando cada vez mais acessível aos(as) negros(as) e às camadas mais vulneráveis da população, com movimentos importantes de formação de jovens realizados por entidades como o Instituto Baccarelli e a Faculdade Santa Marcelina”, cita a curadora.

No caso da participação feminina, ela tem crescido entre musicistas e intérpretes da música de câmara, já representando metade ou até a maioria de integrantes, algo que ainda não é realidade nas grandes orquestras. “Desde o século 20, temos intérpretes extraordinárias no país, cantoras que se tornaram verdadeiras celebridades. No caso das compositoras, porém, a atuação ainda tem sido limitada. Mas, temos um movimento de pesquisa para recuperar a obra que foi apagada pela história”, revela.

Sobre a questão da diversidade, o curador Cristian Budu acrescenta que vê novas possibilidades surgindo, com projetos sociais em atividade em diversas partes do Brasil. “Porém, ainda temos muito a galgar. E a música de câmara tem um papel crucial nisso, para que essa ideia seja fomentada e haja inclusão de mais jovens, estudantes e iniciativas nas periferias que se reflitam no mercado. Isso tem que ser feito de uma maneira proativa, valorizando a singularidade de cada pessoa”, sugere.



Para a quarta edição do Festival Sesc de Música de Câmara, os curadores escolheram grupos, músicos solistas e vozes diversas, que apresentam trabalhos contundentes e arrojados na cena brasileira e internacional. “O evento valoriza muito isso, e há todo um movimento para integração de jovens e para termos uma visão mais inclusiva na música clássica. Também levamos em conta, na hora de compor a programação, grupos paulistas e brasileiros, em geral, que já têm uma trajetória consolidada, como Quarteto Carlos Gomes, Ilumina Music e São Paulo Chamber Soloists”, enumera Budu.



Quarteto Carlos Gomes



São Paulo Chamber Soloists



Ilumina Music

PONTE AÉREA

Representante da nova geração de musicistas de câmara, a violonista clássica Gabriele Leite, uma mulher negra de 24 anos, vai subir ao palco do festival por quatro vezes, entre 16 e 19 de junho, no Sesc Jundiaí, Sorocaba, Consolação e Guarulhos. Ela vai estreiar – e solar – uma obra de João Luiz Rezende Lopes para violão e cordas, ao lado da orquestra São Paulo Chamber Soloists.

“Será a minha estreia no festival que é incrível e importante para a música de câmara no Brasil. Não dá para mensurar o tamanho da minha felicidade! Estou animada porque vou tocar com músicos da Osesp [Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo] e do Theatro Municipal. Além disso, o João [compositor] é meu ídolo e referência desde pequena”, conta.

Natural de Cerquilha (SP), Gabriele conheceu João Luiz em um festival em 2015. No início deste ano, quando se reencontraram para conversar sobre a participação da violonista no Festival Sesc de Música de Câmara, o compositor pediu para que ela falasse tudo o que admirava em termos de compositores e ritmos brasileiros. “Um mês depois, ele começou a escrever a peça e disse que teria a minha cara. E realmente essa obra tem muito da minha personalidade, num ritmo vigoroso que reúne tradições afro-brasileiras”, comenta Gabriele, que atualmente forma um duo de violões com o gaúcho Eduardo Gutierrez.

Desde o início da carreira, a violonista já ganhou vários concursos no Brasil e na Alemanha, integrou



Foto: Heloisa Bortz

por cinco anos o Quarteto Abayomi e, desde 2021, vive em Nova York, onde acaba de concluir um mestrado em violão clássico pela *Manhattan School of Music*. Mantida por um programa de bolsas de estudo da instituição Cultura Artística, Gabriele diz que sempre gostou muito de música e ouvia, com os pais, de Pavarotti a James Brown.

Em solo brasileiro desde o fim de maio, a violonista ficará no país por cerca de dois meses, apresentando-se em concertos em São Paulo, Belo Horizonte, Salvador e Porto Alegre. No retorno a Nova York, vai participar de um recital em um evento da Organização das Nações Unidas (ONU), cujo repertório inclui composições de brasileiros como Radamés Gnattali (1906-1988), Marlos Nobre, Marco Pereira e Paulo Bellinati. Em agosto, Gabriele inicia seu doutorado na *Stony Brook University*, em Long Island, onde será professora assistente de João Luiz.

“Nos Estados Unidos, você já vê mais músicos clássicos pretos, ainda que haja divisão. Por muito tempo, esse foi um privilégio das pessoas brancas, dos homens. Hoje já tenho muitas colegas mulheres, e a tendência é a gente cada vez mais ocupar esses espaços. Se as políticas públicas continuarem oferecendo incentivos, daqui a uns 20 anos deve ser diferente, a cara vai ser outra, vamos ter mais diversidade. Uma mulher negra não vai ser rara, seremos uma comunidade inteira”, prevê Gabriele. Para ela, também falta democratizar o acesso da plateia, e não apenas dos instrumentistas. ■

(Por Luna D'Alama)

ENTRE CORDAS, SOPROS E VOZES

PROGRAMAÇÃO DO 4º FESTIVAL SESC DE MÚSICA DE CÂMARA VAI OCUPAR QUATRO UNIDADES NO ESTADO, ALÉM DE ESPAÇOS COMO A CATEDRAL DE MOGI DAS CRUZES, COM A MISSA DE SANTA CECÍLIA

Realizado pelo Sesc São Paulo desde 2014, a cada dois anos, o Festival Sesc de Música de Câmara teve a programação de 2020 cancelada por conta da pandemia de Covid-19. Agora, em sua quarta edição, o evento acontece presencialmente entre 9 e 26 de junho em quatro unidades do estado (Consolação, Guarulhos, Jundiaí e Sorocaba) e em outros espaços na capital e no interior. Nesse período, serão apresentados 34 concertos e realizadas ações educativas (mediações, ciclos de debates, vivências e aulas abertas), com a presença de cinco conjuntos brasileiros, um internacional (da Dinamarca) e dois mistos. Entre os grupos, há trios instrumentais, quartetos de cordas e de violões, e até coro e orquestra.

Para o diretor do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda, o 4º Festival Sesc de Música de Câmara reafirma a relevância dos processos colaborativos entre instrumentistas e compositores nacionais e estrangeiros, trazendo uma diversidade de repertórios, formação e origem dos grupos. “A dimensão educativa dessa iniciativa avigora-se com os debates, vivências e atividades formativas para distintos públicos, incluindo um concerto concebido para crianças, buscando o desenvolvimento de uma escuta mais qualificada. Outro aspecto é a ampliação do fomento de obras nacionais, essencial para o estímulo à criação da música de concerto contemporânea brasileira”. Com essa realização, o Sesc reforça o seu compromisso com a democratização cultural – processo que orienta suas ações institucionais.

De acordo com Priscila Rahal, assistente da Gerência de Ação Cultural (GEAC) do Sesc São Paulo, “a música de concerto tem sido contemplada na programação da instituição, nas diversas unidades, e a realização de um festival, para além de reforçar essa prática, apresenta-se como um momento oportuno para aprofundamento da pesquisa, ampliação do repertório e, sobretudo, reflexão acerca dos modos de pensar, criar e executar música erudita no Brasil e no mundo”.

Um dos principais destaques do festival será a execução da *Missa de Santa Cecília*, do padre José Maurício Nunes Garcia (1767-1830), considerado o mais importante compositor brasileiro de sua época, na Catedral de Sant'Ana (Mogi das Cruzes), dia 23 de junho, às 19h; já na Catedral Evangélica de São Paulo, será apresentada dia 24/06, às 19h30; no Sesc Guarulhos, dia 25/06, às 19h, e no Teatro Pedro II (Ribeirão Preto), 26/06, às 16h. As apresentações nas duas igrejas serão gratuitas.

Escrita em 1826 para cinco solistas vocais, coro e orquestra, a obra será regida pelo paulista radicado na Europa Luiz de Godoy, marcando o bicentenário da Independência do Brasil. Godoy vai comandar a Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo (USP), integrantes da Ocupação Cultural Jeholu e os Meninos Cantores de Hamburgo, coro do qual é regente titular e que vem da Alemanha especialmente para o evento.

Veja outros destaques da programação do 4º Festival Sesc de Música de Câmara em: www.sescsp.org.br/musicadecamara.

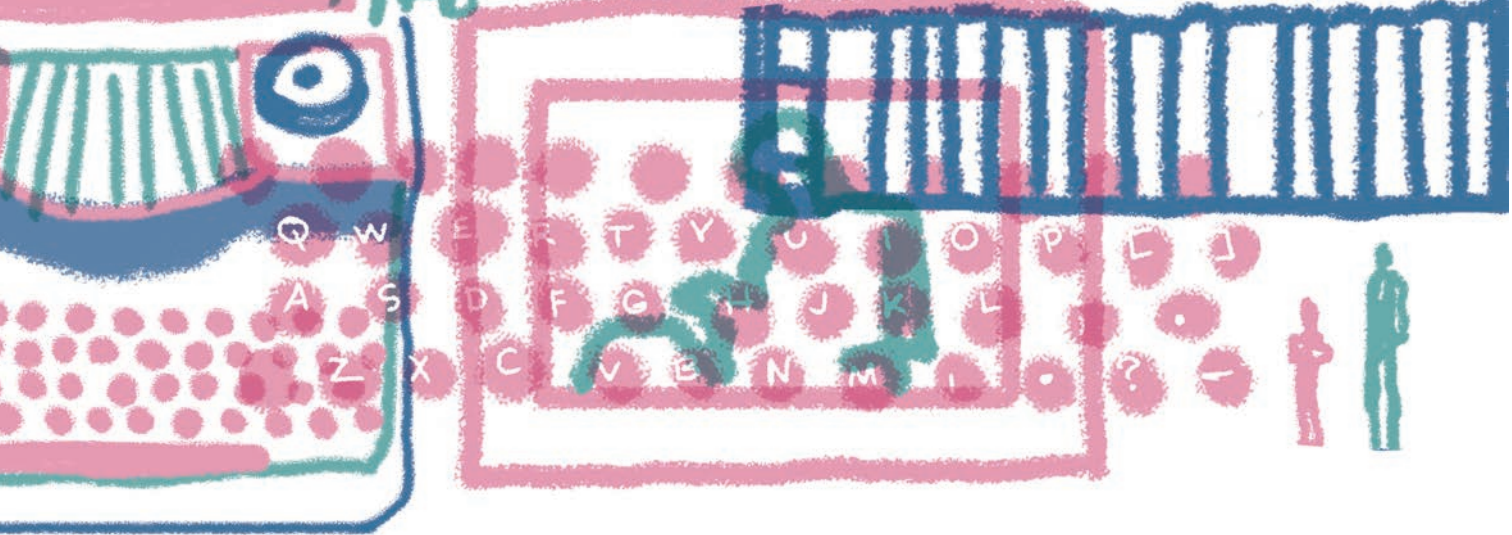
Foto: Pawel Jaremczuk



Maestro Luiz de Godoy



Ilustrações: Luyse Costa



Antonio Candido: um farol

Um dos grandes pensadores da crítica literária e ensaística brasileira, Antonio Candido (1918-2017) deixou um imenso legado em diversos campos por onde caminhou. Autor de uma obra volumosa que relaciona literatura e sociedade, e que evidencia uma interpretação de Brasil fundada na alteridade, seu profícuo trabalho e a reconhecida generosidade ao partilhar conhecimentos são celebrados no livro *Antonio Candido: Afeto e Convicção* (Edições Sesc São Paulo, 2021), fruto do seminário *Afeto e convicção: Uma homenagem a Antonio Candido de Mello e Souza* (1918-2017), realizado em 2018, quando ele completaria 100 anos. Realizado pelo Centro de Pesquisa e Formação (CPF) do Sesc em parceria com a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM) e o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), ambas instituições da Universidade São Paulo (USP), o seminário reuniu uma geração de alunos, amigos e familiares cuja atuação em diferentes áreas de estudo incorpora a influência do professor, crítico e ensaísta. Dividido em três partes – O Homem, O Intelectual e O Professor –, o livro conta com textos inéditos de Adélia Bezerra de Meneses, Carlos Augusto Calil, João Cezar de Castro Rocha, Leandro Garcia Rodrigues, Luiz Carlos Jackson, Alejandro Blanco, Marcos Antonio de Moraes, Max Gimenes, Norma Goldstein, Paulo Vannuchi, Rodrigo Ramassote, Telê Ancona Lopez e Walnice Nogueira Galvão. Também participam outras duas autoras cujos excertos de artigos são publicados neste *Em Pauta*. No primeiro, a professora sênior livre-docente do departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (USP) Maria Augusta Fonseca, estudiosa do Modernismo brasileiro desde 1972, discorre sobre o fascínio de Antonio Candido pelo movimento modernista no país. No segundo, a pesquisadora e membro da Academia Brasileira de Ciências Laura de Mello e Souza escreve um depoimento sobre caminhos e protagonistas que fizeram de seu pai um exímio contador de histórias. Saiba mais sobre o livro *Antonio Candido: Afeto e Convicção* em: <https://portal.sescsp.org.br/online/edicoes-sesc>.

Antonio Candido e o Modernismo Brasileiro: Recortes

POR MARIA AUGUSTA FONSECA

*Antonio Candido ou Antonio lúcido, límpido,
que conhece e pratica a força imponderável da intuição?
Que funda o juízo crítico no gosto,
– o gosto que em vão se tenta exilar, e permanece,
Mesmo negado e ignorado, o sal da percepção?*

Carlos Drummond de Andrade, “Esboço de figura”

No âmbito do seminário *Afeto e Convicção: Uma Homenagem a Antonio Candido de Mello e Souza*, a sugestão de apresentar um itinerário de sua crítica me fez revisitar suas leituras do Modernismo brasileiro, recortar algumas passagens e sobre elas tecer comentários. Autoridade ímpar para estudiosos do movimento de 22, o profundo conhecimento de Antonio Candido abraça o período e o estudo de grande parte de seus autores. Sua atenta visão de conjunto, aliada à acuidade das análises, pode ser conferida em depoimentos, palestras, entrevistas, artigos em jornais e revistas, e em livros, a exemplo de *Presença da Literatura Brasileira*, *Vários Escritos*, *Literatura e Sociedade*, *Recortes*, *Brigada Ligeira*, *Introdução à Literatura Brasileira*. Além desse empenhado exercício crítico, Antonio Candido foi pioneiro na introdução do Modernismo no âmbito de nossos estudos universitários.

Isso se deu no início da década de 1960, quando criou a área de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo, tempos em que o Modernismo continuava sendo uma espécie de “bicho-papão” no meio intelectual acadêmico e, em razão disso, ignorado nos currículos oficiais. Enfrentando a barreira dos preconceitos, Antonio Candido foi responsável pelo primeiro curso sobre o tema na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (USP), trazendo para a sala de aula suas análises sobre a produção literária de poetas modernistas. Igualmente pioneiro, encaminhou orientandos em nível de doutorado e de mestrado (como Telê Ancona Lopez, Vera Maria Chalmers, João Luiz Lafetá e José Miguel Wisnik) para pesquisa e estudo sistemático da produção de mestres de nosso Modernismo como Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Mais ainda, cabe dizer a respeito.

Em seu traço ensaístico, afeito à oralidade, que é um timbre de seu próprio modo de ser, podemos reconhecer marcas da absorção de muitos procedimentos da rebelde expressão modernista. Basta percorrer seus escritos para saber que Antonio Candido desde cedo manifestou apreço pelo tom coloquial, claro e conciso, que acompanha o ritmo de sua fala, permeada por nuances de humor. Desprezando a pompa dos adjetivos, dos preciosismos, dos torneios verbais, apartou-se ainda do pedantismo de certa terminologia especializada, para com isso evitar em seus textos qualquer tipo de obscurecimento. Pode-se dizer que, em larga medida, encontrou nesse procedimento também um modo de socializar conhecimento.

Sua linguagem “livre e lépida”, por meio da qual flui a penetrante reflexão crítica, “sente a pulsação oculta da obra”, como captado por Carlos Drummond de Andrade em “Esboço de figura”. Assim, em seus escritos, Antonio Candido conjugou imaginação crítica, rigor e densidade analítica, quase sempre produzidos na forma breve do ensaio. Em “Movimentos de um leitor: ensaio e imaginação crítica em Antonio Candido”, Davi Arrigucci Jr. traduziu a poeticidade de sua expressão crítica, assinalando que “o traço oral da linguagem dos ensaios de Antonio Candido parece dar continuidade a uma literatura, como a modernista, que se construiu muito mediante a fala (que de algum modo a incorporou até à forma do verso livre) apropriando-se de torneios da linguagem coloquial”.

O movimento modernista, oriundo da Semana de Arte Moderna de 1922, considerado por Antonio Candido como um campo fecundo de sugestões e de questionamentos, representou um momento singular na vida brasileira, manifestando-se ao mesmo tempo em São Paulo, seu impetuoso carro-chefe, e no Rio

EM SEU TRAÇO ENSAÍSTICO, AFEITO À ORALIDADE, QUE É UM TIMBRE DE SEU PRÓPRIO MODO DE SER, PODEMOS RECONHECER MARCAS DA ABSORÇÃO DE MUITOS PROCEDIMENTOS DA REBELDE EXPRESSÃO MODERNISTA

de Janeiro. Na leitura bastante diversificada que o crítico fez desse movimento, notadamente singular no campo das artes no Brasil, procurou entendê-lo como um todo, e buscou identificar e examinar de modo orgânico a pluralidade de questões não sistematizadas por seus integrantes. Com isso, tentou aferir a importância das reivindicações, das obras e das transformações que o movimento causou em nosso meio artístico e cultural.

Para Antonio Candido, o Modernismo de 22 também foi responsável pelo advento de uma nova ordem na cena literária do país nos anos subsequentes. Assim, na lição do crítico, “com os anos de 30 é que começa a literatura brasileira”. De suas reflexões sobre o tema destaca-se, por exemplo, uma palestra de 1950, *Literatura e Cultura – Panorama da Literatura Brasileira de 1900 a 1945* (depois publicada em *Literatura e Sociedade*), em que foi cirúrgico: “a denominação de modernismo abrange, em nossa literatura, três fatos intimamente ligados: um movimento, uma estética e um período”. (...)

Oportuno começar, então, indagando: quando e como Antonio Candido se informou sobre o ideário de 22, e sobre seus autores e obras? De acordo com seu depoimento, a primeira experiência foi ligeira e num encontro pelo avesso:

“Na minha casa, meu pai e minha mãe não tinham a menor noção do que fosse Modernismo. Lá no interior de Minas não chegava ninguém que soubesse disso. Tenho a impressão que as primeiras noções que tive do Modernismo chegaram através de revistas. Meu pai assinava o *Boletim de Ariel e Lanterna Verde*. (...) Ali estavam os modernistas presentes, falava-se em Cubismo, tinha reproduções de Lasar Segall, tinha poemas modernos, tinha Murilo Mendes, Manuel Bandeira... Eu achei aquilo muito curioso. Lembro que em 1933, estava fazendo quinze anos, passei algum tempo hospitalizado no Rio, por causa de um desastre, uma prima me levava livros, inclusive *Libertinagem* de Manuel Bandeira. [...]

Mas considere aquilo uma brincadeira”. (Entrevista de Antonio Candido e José Mindlin concedida a Walnice Nogueira Galvão, publicada em *D.O. Leitura*, jan.-fev. 2002, e reproduzida na revista *Literatura e Sociedade* 12, DTLIC-FFLCH-USP, 2009 (2), p. 41).

A exposição, cheia de detalhes, remete a seu precoce caminho de leituras. Nessa direção, Antonio Candido declarou numa entrevista que a força da literatura veiculada em seu tempo se impôs a ele com tanto vigor que a “experiência com a modernidade não foi através do Modernismo, foi com a leitura dos romancistas do decênio de 1930, pelos quais me apaixonei: Jorge Amado, Armando Fontes, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queirós, Erico Veríssimo”. Em mais uma observação, extraída dessa mesma conversa “em torno do Modernismo”, Antonio Candido de novo trouxe à tona suas razões e preferências, assegurando que “a paixão inicial foi pelo Segundo Modernismo. Sobre tudo porque estava ligado ao ângulo social: eram o pobre, o oprimido, o operário, o negro”.

Em outra passagem, o crítico esclareceu que o contato mais próximo com as publicações literárias do movimento de 22 ocorreu depois de seu ingresso na Faculdade de Filosofia, em 1939, com o empréstimo de obras de Mário de Andrade por uma colega, Gilda Rocha [de Mello Souza]. Na sua avaliação, a leitura foi impactante:

“Fiquei absolutamente fascinado, a tal ponto que resolvi copiar à mão *Pauliceia Desvairada*. Não cheguei ao fim, mas comecei. Veja como era difícil para um jovem, no decênio de 1930, o conhecimento do Modernismo e dos modernistas [...]”. (Entrevista a José Arthur Giannotti, reproduzida em *Antonio Candido, Brigada Ligeira e Outros Escritos*, São Paulo, Editora Unesp, 1992, p. 233).

Esse achado involuntário foi profícuo para o acadêmico de Sociologia, então atento às fraturas e contradições do Brasil profundo, sensível às convulsões político-sociais que minavam seu cotidiano. (...) ■

MARIA AUGUSTA FONSECA é professora sênior livre-docente do departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (USP); estudiosa do Modernismo brasileiro desde 1972, tem obras publicadas sobre a vida e a obra de Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Organizou, com Roberto Schwarz, o livro *Antonio Candido 100 anos* (Editora 34, 2018).

O contador de histórias

POR LAURA DE MELLO E SOUZA

Antonio Candido de Mello e Souza nasceu a 24 de julho de 1918 e completaria 100 anos dentro de algumas semanas se uma crise gástrica não o tivesse levado rapidamente a 12 de maio de 2017. Estava lúcido, controlava sua vida cotidiana com total independência, indo regularmente ao banco fazer transações e pagar contas, pois nunca se interessou pela informática nem utilizou a internet, valendo-se de uma velha máquina portátil para escrever seus textos e vendo-se às voltas com crescentes dificuldades para conseguir as fitas de tinta preta que a fizessem funcionar. Morreu quase de repente, após cinco dias de hospitalização, quando todos os seus dez descendentes adultos se revezaram na sua cabeceira, procurando manter o clima de afeto, leveza e o bom humor que aprenderam com ele. Nos momentos finais não estiveram com ele os cinco bisnetos, a mais velha então com 14 anos e a caçula com apenas 5, apesar de terem usufruído de um de seus maiores talentos, ou, mais do que isso, de uma verdadeira virtude que conservou ao longo da vida: a de contador de histórias.

A vida longa, os interesses variados e a personalidade riquíssima com que o destino o premiou permitiram abordar um sem-número de aspectos referentes ao mundo da família, assunto sobre o qual devo me deter aqui. Sabendo ser impossível evitar o recorte mais pessoal e subjetivo, ocorreu-me que a faceta do narrador permitiria apresentar um pouco da atmosfera de convívio característica do espaço doméstico, onde o círculo mais íntimo – a mulher, as três filhas, os genros, os netos e bisnetos – e o da família alargada – os irmãos, os sobrinhos, os tios, os sogros, os primos – bem como o dos amigos mais próximos – os de juventude mas também os que foram se agregando durante a vida – deixavam-se ficar hipnotizados por suas incomparáveis narrações de fatos vividos ou ouvidos. Porque ele fazia parte de famílias particularmente dotadas de talento narrativo, tanto do lado de seu pai quanto do de sua mãe. Ou talvez porque no seu grupo familiar ainda estivesse muito viva a tradição oral, própria de sociedades rústicas e ainda pouco atingidas pelo modo capitalista de existir, nas quais predominavam os mundos fechados sobre pequenas comunidades que se mantinham meio desconectadas dos grandes centros e dos elos que, havia muito, faziam do mundo mais desenvolvido uma rede intrincada de conexões.

No mundo em que Antonio Candido nasceu ainda não predominava a iluminação elétrica, o telefone era raro, os automóveis restritos aos muito ricos, as rodovias, portanto, inexistentes, os aviões usados apenas nos conflitos bélicos, o cinema engatinhava, a televisão, a internet e suas inúmeras decorrências – redes sem fio, Skype, telefonia celular, Face Time – mero objeto de ficção científica que todos tinham por certo nada ser senão ficção e, nessa qualidade, irrealizáveis. Mundo no qual o número dos iletrados superava o dos que sabiam ler e escrever, os livros eram poucos, as bibliotecas, privadas ou públicas, contavam-se nos dedos. Mundo mais próximo daquele visto pelos irmãos Grimm e pelos primeiros estudiosos da cultura popular europeia entre o final do século XVIII e o início do século XIX do que do mundo do século XX e do início do século XXI.

Na casa de sua mãe, Clarisse de Carvalho Tolentino, a vida mais que confortável da família fora destruída pela morte do pai e pela inexperiência da viúva, a falta de meios impondo um cotidiano recluso que as visitas e as conversas coloriam, pontilhadas por longas narrativas do que ia pelo mundo exterior, no caso a capital federal, o Rio de Janeiro, mas também os grandes centros europeus.

Clarisse e duas das irmãs, que compunham a ala mais nova de uma numerosa irmandade – oito haviam atingido a idade adulta –, habituaram-se a cantar trechos de óperas aprendidas com os mais velhos, modinhas e canções populares ouvidas dos antigos escravos, e a representar cenas de teatro, costumes que mais tarde foram transmitidos a seus filhos – entre eles, meu pai – junto com muita história da vida de personagens ilustres que se viam nas ruas do Rio de Janeiro, assim como da de anônimos, ricos e pobres, livres e escravos, que integravam o círculo da domesticidade restrita. Siá Tutinha, que pintava o cabelo de preto e adorava jogar baralho, sabendo também ler a sorte nas cartas; o General, primo afastado que tinha sotaque alemão e voz de baixo profundo; Marcelo, outro primo que vivera na Europa, conservava o acento parisiense no português hesitante e trazia muito das intrigas públicas para dentro daquele ambiente fechado tornaram-se, todos, personagens das histórias que minha avó e minhas tias-avós registraram, passando-as para meu pai, que as passou para nós.

Ecos da vida de Corte, das lutas que marcaram a implantação da República, da difícil e dolorosa integração dos negros na sociedade de classes – para usar o título de um dos livros de Florestan Fernandes, mais tarde amigo íntimo e querido de Antonio Candido –, dos capoeiras exímios que atemorizavam e fascinavam os transeuntes, dos bondes puxados a burro, dos cortiços onde se amontoava a população desfavorecida: o que inspirou o romance homônimo de Aluísio Azevedo meu pai identificou, já adulto, ao descrito por sua mãe e tias quando relembavam os costumes e a vizinhança do bairro onde moravam membros da parentela.

A família de seu pai, Aristides Candido de Mello e Souza, vivia no sul de Minas, entre a cidadezinha de Santa Rita de Cássia e as fazendas da região, onde seus antepassados haviam se estabelecido muito tempo antes na qualidade de modestos camponeses ilhéus e minhotos. Zona rústica, cujo isolamento prolongado selou-se quando a ferrovia foi desviada para Passos, que progrediu enquanto Santa Rita permanecia parada no tempo. Ali aqueles antigos habitantes do Portugal agrário pouco estudaram mas melhoraram de vida, lidando com gado e lavoura, envolvendo-se na política local ao mesmo tempo em que lhes eram abertas as portas da Guarda Nacional, casando entre si ou em alguns outros grupos familiares locais. Um dos poucos entre os 11 irmãos a estudar e obter diploma universitário, foi em Santa Rita que Aristides se estabeleceu com a mulher pouco depois no nascimento de Antonio Candido, e foi lá que seus três filhos viveram a primeira infância, ouvindo histórias de lutas de clãs, violências de potentados e de cangaceiros, revoltas de escravos, relatos de viagens sertão adentro para buscar gado em Mato Grosso e Goiás ou mar afora até a Índia distante, onde os criadores sul-mineiros, assim como os do Triângulo, se aventuraram para comprar dos marajás o primeiro gado Zebu que originou o Indubrasil. O sul de Minas forneceu a meu pai as narrativas de outras épocas, mas também a experiência do mundo suspenso no tempo e a convivência com personagens sobre as quais percorreu até morrer.

(...)

Conforme crescíamos, as histórias narradas por ele iam desaparecendo da vida cotidiana e as conversas sobre livros iam ganhando o seu lugar, desde que o

solicitássemos para isso. Com discrição ele sugeria, vez ou outra, que lêssemos algum livro, como quando, ainda bem menina, apresentou-me um velho exemplar de *Céus e terras do Brasil*, do Visconde de Taunay.

No meu caso específico a indicação de leituras e a conversa sobre elas tornaram-se uma espécie de substitutivo quando, em 1965, frequentei a escola por apenas 4 meses e, depois, devido a circunstâncias variadas, só voltei a ter vida escolar em março do ano seguinte. Foi nessa altura que o contador de histórias cedeu lugar ao crítico, e desde então dividimos algumas manias comuns, eloquentes quanto a seu ecletismo mental: doses maciças de Alexandre Dumas – *Os Três Mosqueteiros*, *Vinte Anos Depois*, *O Visconde de Bragelonne*, *O Conde de Monte Cristo*, sobre o qual anos depois li um dos ensaios dele de que mais gosto – mas também o Dickens de *As Grandes Esperanças*, o Flaubert de *Salammbô* e aquela que se tornou minha paixão maior, mas não tanto a dele: *Guerra e Paz*, de Tolstoi, que contudo reconhecia como sendo, desconjuntado e mal composto – ele o dizia, não eu, claro – o maior romance jamais escrito.

Conforme chegaram os netos, o grande narrador ressurgiu, o encantamento deles reeditando o da nossa infância. E conforme os netos foram crescendo, os velhos livrinhos de lombada colorida se dispersaram, pois cada um pedia o seu exemplar preferido, e ele os dava, risonho mas, imagino, com uma ponta de tristeza por se separar daqueles que haviam sido até então seus companheiros inseparáveis, e por ver a prateleira que ia se desmanchando até desaparecer por completo. O que doamos agora, com sua biblioteca, foi *O Tesouro da Juventude*, fonte de muitas das histórias aprendidas por ele desde quando, ainda em Santa Rita de Cássia, Aristides chamara os filhos para ajudarem-no a desencaixotar a coleção encomendada como presente para eles, e que chegara no começo da noite, trazida por outra personagem da infância de Antonio Candido, o negro Paulo Carreiro e seu carro de boi, a ranger sob a chuva forte.

Nos anos finais de sua longa vida, a narração de histórias, privadas e públicas, voltou a ser uma constante na vida familiar. Nos almoços de domingo ele se estendia por horas a contar fatos vividos ou ouvidos, desenrolando diante de nós, filhas, genros, netos, bisnetos e amigos que ali estivessem, o novelo mágico meticulosamente guardado anos a fio. (...) ■

LAURA DE MELLO E SOUZA graduou-se em História pela Universidade de São Paulo (USP), onde fez toda sua formação universitária. Foi docente do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP desde 1983, aposentando-se em 2014 como professora titular de história moderna. Desde setembro de 2014, ocupa a cátedra de história do Brasil na Universidade de Paris IV - Sorbonne; e é membro da Academia Brasileira de Ciências.

Cada passo conta



Foto: Washington Pessato

CONSULTOR E PREPARADOR FÍSICO REFORÇA A IMPORTÂNCIA DE UM ESTILO DE VIDA QUE INCORPORE O MOVIMENTO PARA SAÚDE E BEM-ESTAR A LONGO PRAZO

Você já se movimentou hoje? Se a resposta for sim, provavelmente outras pessoas do seu convívio dirão que não. Isso porque 50% da população do país é sedentária, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo que entre os jovens, a incidência de sedentarismo é ainda maior. O Brasil se tornou o país mais sedentário da América Latina, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) e esse é um quadro preocupante de saúde pública. Para o preparador físico Marcio Atalla, consultor e colunista de programas de rádio, jornal e televisão voltados à saúde e ao bem-estar, é urgente uma revisão do atual estilo de vida da população brasileira. “Nosso corpo se adapta ao meio ambiente e o meio em que vivemos joga totalmente contra ao que nosso corpo foi programado. Isso acontece porque vivemos num meio de muita tecnologia, onde o movimento está se restringindo cada vez mais”, alerta. Atalla, que já foi treinador de atletas olímpicos e pioneiro ao realizar o primeiro projeto de qualidade de vida em massa, mudando hábitos de vida da população de Jaguariúna, no interior de São Paulo (caso que virou estudo científico publicado na revista *Obesity*), acredita que todos nós podemos incorporar algum tipo de atividade física ao dia a dia. Este caminho, trilhado passo a passo, não só evitará problemas de saúde a curto, médio e longo prazo, como também promoverá o bem-estar de todas as idades.

A GRANDE MENSAGEM QUE A GENTE TEM QUE PASSAR PARA AS PESSOAS É ESSA CONSTRUÇÃO DO POUQUINHO A POUQUINHO, DO HÁBITO QUE VOCÊ VAI MUDANDO, QUE FAZ A RODA GIRAR E QUE TORNA VOCÊ UM POUCO MAIS ATIVO

DESDE CRIANÇA

Sou mineiro, de Belo Horizonte, fui criado fazendo atividade física e vendo meu pai fazer atividade física. Então, eu tinha o exemplo em casa e ao mesmo tempo uma vivência. O movimentar-se sempre foi importante para mim em todos os sentidos. Por ser uma pessoa muito tímida, essa era uma maneira de entrar nos grupos, fosse na escola ou na rua. A atividade física me fazia quebrar barreiras nesse aspecto social de pertencimento. Quando adolescente, havia o sonho de ser atleta. E aí, eu entrei na faculdade de Educação Física na USP. Quando você entra na faculdade, você tem uma ideia que vai sendo transformada por todas as experiências e oportunidades que são vivenciadas ali. Como eu sempre fui mais ligado ao esporte de competição, foi muito natural que meu caminho, ao me formar, fosse esse.

VETERANOS E NOVATOS

Depois de me formar, comecei a trabalhar com atletas de tênis, a correr o circuito mundial de tênis feminino com algumas tenistas brasileiras, no início, depois com tenistas estrangeiras. Até que tive a oportunidade de conhecer o Carlão (jogador de vôlei), campeão olímpico de 1992. E ele me disse que tinha

alguns problemas físicos de adaptação (do vôlei) na areia, e me fez o convite para prepará-lo ao lado do parceiro Paulo Emílio, para o vôlei de praia. Acabei indo para esse mundo, o que me deu a oportunidade de ir para as Olimpíadas de 2000 (em Sydney, Austrália) com a dupla Shelda e Adriana. Naquele momento, para complementar o orçamento, morando no Rio de Janeiro, escolhi algumas pessoas para fazer um acompanhamento. Eu sempre tive muito claro que eu tinha que fazer uma diferença na vida dessas pessoas que eu acompanhava como clientes. Então, eu tinha como característica colocar a mesma dedicação e atenção nos meus alunos assim como eu fazia com meus atletas. Por isso, eu falava para eles: “todo dia a gente vai se encontrar e antes de a gente começar, eu preciso saber como você está, porque eu quero te entregar, depois de três meses, assim como faço com meus atletas, qual foi sua evolução”. Foi aí que eu percebi meu primeiro olhar para a questão muito mais da saúde, de quais eram os fatores de risco que dali a pouco poderiam desencadear alguma doença crônica, alguma limitação na vida dos meus alunos. Eu monitorava esses fatores e periodicamente entregava esse resultado para o aluno perceber o valor da atividade física.



OLHAR À VOLTA

Antes das Olimpíadas de 2000, no *boom* da internet, de muitos sites, eu viajava bastante com atletas e passava muito tempo fora do Brasil, cada semana num país, eram 16 torneios fora do Brasil mais 12 torneios aqui, em cidades diferentes. Uma das coisas que mais me chamavam a atenção era que você tinha esses atletas espetaculares e, ao mesmo tempo, as pessoas que trabalhavam com eles negligenciavam a saúde, eram sedentárias, tinham uma alimentação ruim. Teve uma vez, numa biblioteca pública em Portugal (– sempre pesquisei números de sedentarismo e de obesidade em cada lugar que eu viajava –), que eu consultei na internet esses números. Lembro que em 2000, os Estados Unidos passaram a marca de 50% da população acima do peso e que o Brasil já estava com quase 30%. Aquilo era um reflexo do nosso estilo de vida e era natural que o Brasil e o mundo fossem por esse caminho.

MOMENTO DE TRANSIÇÃO

Ao voltar das Olimpíadas, eu decidi dar um passo de transição na minha vida. Resolvi me dar um ano para, paralelamente ao vôlei de praia, montar o que eu acreditava que seria meu propósito. Montei um site que apresentei em diversos lugares e mostrei que a área de saúde do segundo maior portal do Brasil na época só falava de doença. Para trabalhar nesse portal com o meu projeto, eu ia ter que investir nisso. Então, tomei a decisão de deixar o esporte de alto rendimento para realmente mostrar que a nossa saúde começa no estilo de vida que temos, naquilo que a gente faz no dia a dia. Uma pessoa sedentária é uma pessoa potencialmente doente. Por quê? Porque nosso corpo é totalmente desenhado para funcionar com movimento. Tenho muito contato e sou muito respeitado no meio médico. Você não vai encontrar ninguém que seja contra a atividade física, só que ela tem que ser adaptada. Mas, o que a gente vê de 2000 para cá é uma diminuição do nível de atividade física praticada. Com isso, paga-se um preço físico, emocional e cognitivo – hoje há centenas de estudos associando atividade física com capacidade cognitiva na terceira idade. Ou seja, você vai percebendo que a atividade física traz enormes ganhos. Ela foi o pilar que eu escolhi para entrar em veículos de comunicação e ser a espinha dorsal do que eu ia comunicar.

SAÚDE PÚBLICA

Será que eu realmente preciso estar numa academia ou ter uma atividade programada para ser ativo? Essa é uma questão que me inquietava. Em 2016, fiz uma intervenção em Jaguariúna de tentar mudar o estilo de vida de uma população inteira (na época, 50 mil habitantes). Conseguimos mudar hábitos de 40% da população. É aí que entra uma abordagem populacional na qual eu acredito: do movimento com regularidade e não necessariamente de uma prática esportiva. Claro que a prática esportiva vai te trazer ganhos inacreditáveis, mas tem muita gente que não tem aptidão, disciplina ou não vai conseguir se engajar com a atividade. Mas, ser fisicamente ativo, independe disso. Então, após essa intervenção, viajei para a Coreia, Finlândia, Dinamarca, Estados Unidos e outros países com o objetivo de ver e entender como o movimento é tratado como uma política de saúde pública, e encontrei números que nos fazem pensar. Os Estados Unidos é o país com o maior número de academias e o maior número de pessoas matriculadas em academias: quase 18% da população. Só que ele tem mais de 70% da população sedentária e acima do peso. Já em Copenhague, menos de 3% das pessoas estão matriculadas em academias, porém 80% da população é fisicamente ativa. Por quê? Porque lá se anda de bicicleta ou a pé, porque a capital da Dinamarca tem o movimento incorporado ao dia a dia dos seus habitantes. Outro exemplo é Seul [*capital da Coreia do Sul*], uma cidade muito grande, como São Paulo, que encontrou a atividade física programada como um meio de promover a saúde pública, com premiações aos praticantes e uma série de outros benefícios.



Marcio Atalla e moradores da cidade de Jaguariúna (SP) em ação do projeto Vida de Saúde, que conseguiu, em 2017, inserir hábitos saudáveis em 40% da população.



MEIO AMBIENTE

Todo mundo é apto ao movimento e todo corpo vai reagir bem ao movimento. O corpo se adapta ao meio ambiente, e o meio em que vivemos joga totalmente contra ao que o corpo foi programado. Isso acontece porque vivemos num meio de muita tecnologia, onde o movimento está se restringindo cada vez mais. O homem inventou o fogo, a roda, o controle remoto e agora inventou as plataformas de videochamadas, e a gente vai reduzindo cada vez mais o movimento. Quer dizer, o ser humano precisou do movimento para sobreviver, e quem não se movimentou não sobreviveu – e nosso código genético é desenhado para funcionar com movimento. Desde o final da década de 1990, essa é a primeira geração que vai ter que adotar o movimento como uma escolha consciente. Ele não é mais inerente ao nosso estilo de vida. Até o final da década de 1980, um brasileiro andava 10 mil passos por dia. Não era por consciência, era automático, era por causa do meio ambiente em que a gente vivia. Os adolescentes eram fisicamente ativos porque havia a brincadeira na rua. Hoje, o Brasil tem 83% dos adolescentes que não fazem o mínimo de movimento recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), porque a brincadeira é na ponta do dedo. Então, o meio em que vivemos pode jogar contra a atividade física.

CRIAR HÁBITOS

Ninguém cria um hábito sem repetição. E para você repetir tem que ser fácil. Quando eu entrevistei Wendy Suzuki, professora de Ciências Cognitivas e Psicologia da Universidade de Nova York, para o documentário *Vida em movimento* (2019), ela falou que demora cerca de três meses para a gente criar uma conexão

no hipocampo e passar a executar uma tarefa não com prazer ou felicidade, mas sem ter que decidir se vai fazer ou não. Então, nos três primeiros meses, não adote nenhuma dieta radical, não queira sair correndo 10 km todo dia, porque seu corpo vai lutar contra, uma vez que ele saiu muito do padrão ao qual está acostumado. Ela fala o seguinte em relação à atividade física: “Escolha aquela que você consiga fazer todo dia”. É subir escada, uns três andares? Então, comece por aí. É dançar 15 minutos com seu filho? Ou seja, esse vai ser um processo, e essa primeira parte do processo, que é a construção do hábito, tem que ser muito simples e fácil. Teve um número da Associação Brasileira de Academias divulgado no ano passado que surpreende. Do total de quem se matricula agora, daqui a três meses, 64% não voltam mais para a academia, mesmo que tenham pago um plano anual. E em um ano, menos de 4% renovam a matrícula.

DEVAGAR E SEMPRE

Onde começa a doença? A doença começa no estilo de vida. A pessoa que corre meia hora na esteira, mas passa o resto do dia sentada e não caminha, também precisa tomar cuidado. São aqueles pequenos hábitos que fazem muita diferença. Então, hoje, a grande mensagem que a gente tem que passar para as pessoas é essa construção do pouquinho a pouquinho, do hábito que você vai mudando, que faz a roda girar e que torna você um pouco mais ativo. Não se trata de colocar metas do tipo “Você tem que fazer isso e aquilo”, porque a pessoa acaba desistindo ou se frustra, e a gente tem visto que a conta não fecha lá na frente. ■

MARCIO ATALLA esteve presente na reunião virtual do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 27 de abril de 2022.

Ouçã o bate-papo deste [Encontros com Marcio Atalla](#).

Adona da voz

CANTORA E ATRIZ, ZEZÉ MOTTA DESAFIOU PRECONCEITOS, RECEBEU PRÊMIOS E HOJE CELEBRA MAIS DE 50 ANOS DEDICADOS À ARTE

Neste mês, a Rainha Negra – alcunha que recebeu pelo pioneirismo na luta antirracista no país – completa 77 anos, esbanjando a mesma vitalidade e bom humor que a acompanharam ao longo de mais de meio século de carreira. Batizada Maria José Motta de Oliveira, Zezé nasceu em Campos dos Goytacazes (Rio de Janeiro) em 1948 e começou a carreira de atriz em 1967 estrelando a peça *Roda viva*, de Chico Buarque, sob direção de José Celso Martinez. Dez anos depois, ficaria para sempre reconhecida pela personagem-título em *Xica da Silva* (1976), premiado longa-metragem de Cacá Diegues. Poucos sabem, mas desde a década de 1970 a artista já se dedicava à música, linguagem na qual também mostra seu talento e versatilidade com o show *Coração Vagabundo – Zezé canta Caetano*. Realizado pela primeira vez em 1990, o espetáculo ganhou nova roupagem e foi apresentado em maio passado no Sesc Pompeia, com participação da cantora Daúde. No palco, a artista volta a interpretar um de seus cantores e compositores do coração. O mesmo que, aliás, tomou-a de inspiração para compor a canção “Tigresa”, do álbum *Bicho*, de 1977. “Eu tenho uma coisa pelo Caetano e, apesar de sermos amigos, eu ainda tenho essa coisa de idolatria com ele. E quando eu soube que ele poderia ter feito ‘Tigresa’ para mim, eu não acreditei. Eu morro de vergonha, mas é real”, conta ela. Além da verve musical, Zezé Motta se mantém ativa em programas na televisão, séries em plataformas de *streaming* sob demanda ou escrevendo colunas em revistas. Neste *Depoimento*, a atriz e cantora fala à **Revista E**, do seu camarim, sobre longevidade, racismo e sonhos.

SOBRENOME VERSATILIDADE

As pessoas me perguntam muito como é que eu dou conta de tantos projetos. Não tem muito mistério, mas claro que tem um segredo: disciplina e uma boa equipe. Esse show, em que eu interpreto canções de Caetano Veloso, veio de uma ideia que surgiu há muito tempo. Acho que há três anos, eu tinha feito só um show e fiquei apaixonada pelo projeto, mas, por algum motivo, ele não aconteceu. Aí, depois, programamos e chegou a pandemia. Agora que as coisas estão se acalmando, estou retomando esse sonho antigo.

MUSA DO MUSO

Eu tenho uma coisa pelo Caetano e, apesar de sermos amigos, eu ainda tenho essa coisa de idolatria com ele. E quando eu soube que ele poderia ter feito “Tigresa” para mim, eu não acreditei. Eu morro de vergonha, mas é real. Até que três anos atrás, ele deu uma entrevista para *O Globo* confirmando que a “Tigresa” sou eu. Mas eu me lembro que assim que ele fez, ele dizia que era Sônia Braga, Dedé... Até se confirmar.



TODA VEZ QUE VEJO JOVENS NEGRAS CRESCENDO,
SONHANDO, LUTANDO, DANDO COTOVELADA,
INDO EM FRENTE, ENFRENTANDO DESAFIOS,
EU FICO MUITO ANIMADA E MUITO ORGULHOSA
POR TER FEITO PARTE DESSE MOVIMENTO



Foto: Bruna Quevedo

TEMPO, TEMPO, TEMPO

Eu acho que o segredo para essa coisa do tempo e do envelhecimento é não se permitir envelhecer. Se você está sempre na atividade, e tem uma vida dinâmica, não dá tempo para ficar velho. Eu aprendi isso com minha mãe. Ela morreu aos 95 anos, mas muito bem, graças a Deus, e só nos dois últimos anos de vida, ela deu uma caidinha. Me lembro das pessoas perguntando para ela: “Dona Maria, a senhora não vai ficar velha, não?”. E ela respondia: “Não tenho tempo, minha filha”. Eu estou seguindo essa linha que é produzir muito, sonhar muito, me apaixonar sempre pela vida, pelas pessoas e pela arte. Estou sempre em movimento.

LUTA ANTIRRACISTA

Eu acho que a gente avançou a partir do momento em que esse assunto deixou de ser tabu. Porque antes essa era uma questão discutida apenas dentro do movimento negro, e só entre os negros. Então, deixar de ser tabu já foi um avanço. E toda vez que vejo jovens negras crescendo, sonhando, lutando, dando cotovelada, indo em frente, enfrentando desafios, eu fico muito animada e muito orgulhosa por ter feito parte desse movimento. Fico na torcida, sabendo que ainda temos um longo tempo pela frente, mas ver as coisas caminhando é animador. E é animador pensar que algum dia meus bisnetos possam viver outra realidade.

ELIXIR DA VIDA

A arte é fundamental na nossa vida. Ela faz bem para a saúde mental, para a saúde física, para a alma. Arte é salvação. ■

SERVIÇO

Diálogos com o tempo

Zezé Motta é apresentadora do curso *Como estamos envelhecendo*, disponível na plataforma do Sesc Digital, lançado em abril de 2020. No curso composto por seis aulas, a atriz e cantora levanta temas importantes como a inversão da pirâmide etária no Brasil e no mundo; a desconstrução das visões estereotipadas sobre a velhice; acessibilidade e inclusão; novos papéis sociais da pessoa idosa; diversidade e sexualidade depois dos 60 anos; entre outros assuntos. O curso é gratuito e voltado para todos os públicos. Acesse: ead.sesc.digital/cursos/como-estamos-envelhecendo.



CENTRO DE
PESQUISA
E FORMAÇÃO

Sesc São Paulo

Curso Sesc de Gestão do Esporte diversidade, cultura e lazer

13 de agosto de 2022 a 1 de abril de 2023

Inscrições para o processo seletivo
30 de maio a 24 de junho de 2022

Mais informações
sescsp.org.br/csge2022



CAREIRO

O barco rasga o rio Negro em linha reta, como a tesoura de uma costureira cortando de um só golpe uma peça grande de tecido. Pedro nunca deve ter visto uma costureira na vida, Letícia se dá conta, menino de cidade grande não conhece costureira. O nariz prateado da proa embica e desce, embica e desce, quicando num ritmo que ela já apreendeu e reproduz mentalmente, até notar que a água se tornou barrenta – alcançaram o Amazonas. Para ver melhor o encontro entre os rios, ela pendura a bolsa no ombro, se levanta e vai para perto da cabine, onde um homem jovem com traços indígenas pilota a embarcação. São águas turbidas e agitadas, impenetráveis. Quando ela se vira para voltar ao seu lugar, percebe-se observada por dois homens que bebem cerveja, uma mãe que amamenta e uma velha que limpa as unhas com um palito de churrasco. Sacolas, caixas e bolsas cheias de frutas e mantimentos se espalham pelo chão e em cima dos bancos. Só ela não leva quase nada, apenas uma maleta de viagem. Constrangida, Letícia enxuga a testa com o dorso da mão e tira os óculos escuros Ray-Ban antes de se sentar de novo.

Como Pedro veio parar aqui? Pensa em pegar na bolsa uma pastilha de menta, mas é uma lata de Altoids, importada, cara, que ela comprou na sala de embarque do aeroporto. Pode ofender a humildade dessas pessoas. Desiste. Careiro. Por que o nome do lugar é Careiro? Ela se lembra de quando Pedro tinha quinze anos e tomou uma cartela de diazepam. Na ocasião, ele explicou que seu desejo não foi morrer, mas conhecer outro mundo, melhor que este em que vivemos. Letícia é psiquiatra, então seguiu a cartilha, providenciando psicólogo, antidepressivos, ansiolíticos e um *personal trainer* para prática de atividade física regular. Mas Pedro continuava a repetir: não tenho fome de viver. Mesmo depois, na universidade, apesar da namorada e dos amigos, afirmava não gostar de nada. Por fim, Letícia sugeriu a eletroconvulsoterapia. O pai tinha outra mulher, outros filhos, não se envolvia muito, no entanto, quando soube disso, reprovou: quer dar choque na cabeça do menino? Você fala como se eu estivesse



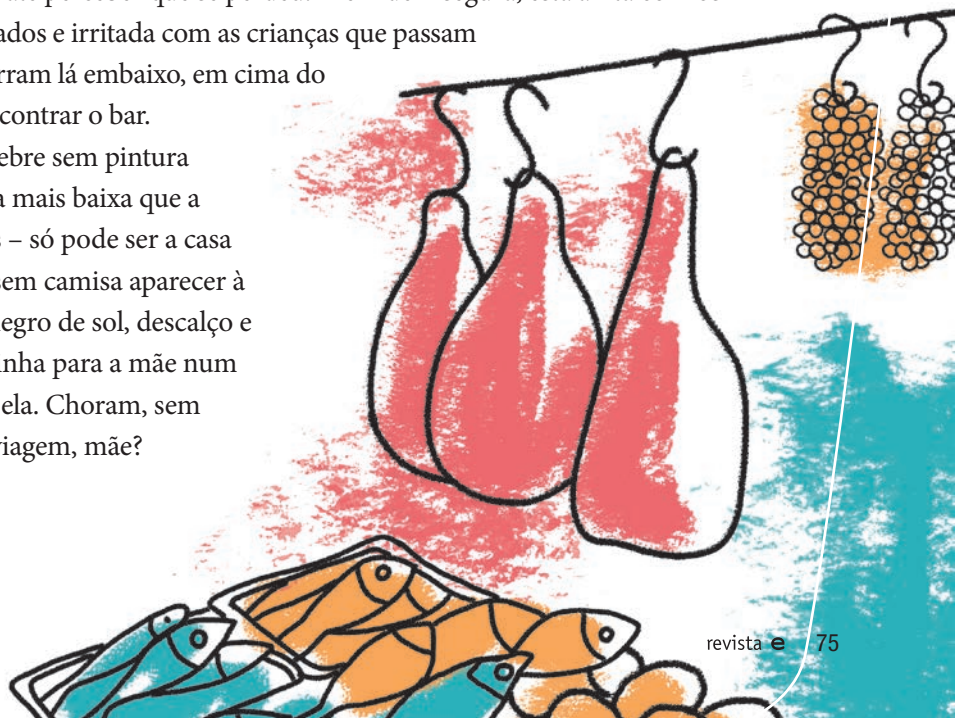
Ilustrações: Lyse Costa

propondo uma lobotomia, mas esses eletrochoques hoje são humanizados. Ela tentou explicar o procedimento, mas pai e filho acharam monstruoso. Você me odeia mesmo, Pedro disse. E Letícia se calou, todos se calaram. O assunto desapareceu e aquela tristeza se tornou parte da paisagem.

Não é um porto, mas uma rampa em que o barco monta até parar com o focinho para cima. Um dos sujeitos envolvidos naquele negócio para com a mão estendida aos passageiros. Um a um, descem homens e mulheres com suas bagagens. O barco balança e Letícia entontece, se agarrando com força àquela mão, que permanece aberta com a palma para cima e os dedos levemente arqueados, firme como um pilar. Ela percebe que não devia ter apertado, apenas se apoiado depressa, como os demais passageiros, sente-se ingênua e um pouco ridícula. Obrigada, ela diz, mas o homem não responde. Em terra firme, olha para um conjunto de casas de madeira equilibradas sobre palafitas, para um pasto alto e verde à esquerda e para uma pequena feira, onde todos parecem feirantes e ela, a única cliente. O rio Amazonas está baixo, ao invés de água e vitórias-régias, há mato e lixo sob e ao redor das casas. Letícia enxuga um buço de suor e sacode a camisa empapada antes de seguir em frente.

Nas bancas mirradas da feira, há frutas que ela nunca viu e cujos nomes desconhece – tucumã, pupunha, bacaba –, peixes frescos fora do gelo, farinhas de várias gramaturas e peças de carne cravejadas de moscas. As carnes estão escurecidas, ressecadas, terríveis e são indolentemente espanadas por um velho sem camisa. Ele não usa espanador, mas um galho com um saco rasgado na ponta. É para esse homem que ela pergunta pela casa de Genilson. O velho indica uma calçadinha de madeira, também sobre palafitas, e fala para que siga naquela direção. Genilson mora perto de um bar, quando acabam as casas. Quando acabam as casas? É, lá no final. Ela agradece nervosa. Pensa que pode ser uma armadilha, melhor confirmar com outra pessoa. Ah, vou dar uma volta primeiro, obrigada. E parte para o lado oposto. Caminha sobre palafitas até o pasto, onde os bois e as vacas ruminam e as andorinhas se perfilam em fios de eletricidade. Bebe um gole da água que levou e retorna. Pergunta à primeira mulher que encontra sobre a casa de Genilson e recebe a mesma resposta, que ele mora perto de um bar. Bom, então é verdade. Letícia avança por entre as casinhas de madeira, investigando portas abertas, intimidades, desconfiada dos que cruzam seu caminho sem devolver bom dia. Teme um assalto ou um sequestro, disseram com muita ênfase que é perigoso uma mulher sozinha na Amazônia. Passa repetidamente pelas mesmas casas até perceber que se perdeu. Além de insegura, está aflita com os cães sarnentos que circulam mutilados e irritada com as crianças que passam correndo e por pouco não a empurram lá embaixo, em cima do lixo, mas caminha, caminha até encontrar o bar.

A calçada acaba onde um casebre sem pintura se equilibra vesgo, com uma janela mais baixa que a outra. De fato, não há nada depois – só pode ser a casa de Genilson. Letícia vê um rapaz sem camisa aparecer à porta. É o menino que ela pariu, negro de sol, descalço e tão magro quanto Cristo. Ele caminha para a mãe num abraço, dois palmos mais alto que ela. Choram, sem escândalo, e se apalparam. Fez boa viagem, mãe?



Ah, sim, muito boa. Vem, ele diz, tomando a maleta que ela carregava. Parece tão tranquilo, cheio de uma maturidade que beira à indiferença e que Letícia desconhece. Na casa, ela é apresentada a Genilson, um homem de uns sessenta anos, cor de cobre, com nariz de chuchu e cego de um olho. Vê redes, remos e outros apetrechos embolorados de pesca junto às paredes, com certeza instrumentos de trabalho. Então é aqui que você está morando? É, sim. Eu nunca imaginaria, se você não tivesse dito. Letícia examina cada canto, sem acreditar que Pedro largou os estudos para viver entre tábuas, sem geladeira, sem tevê, na companhia de um bruto. Meu filho, por quê? Ela sabe que começar assim não é estratégico, mas não conseguiu evitar. Pedro balança a cabeça como a mãe balançava quando ele era pequeno e falava bobagem. Talvez porque eu seja feliz aqui, mãe. Ela olha para Genilson, que exhibe a alegria de seus poucos dentes, o olho cego brilhando um azul impossível. Aqui? Sim, aqui, o filho responde. Depois de desaparecer por dois anos, de quase matá-la de preocupação, ele fala em felicidade. Letícia passa as mãos pelas têmporas, caminha até a janela, onde vê o Amazonas se estender licoroso de tão turvo.

Ouve os motores distantes dos barcos, o cacarejar das galinhas embaixo das palafitas, as andorinhas. Uma lágrima pesada escorre. Pedro oferece uma cadeira, prestativo como jamais esteve, irreconhecível. Ela seca o rosto depressa, antes que o filho perceba que está chorando. Depois se abana e sorri como se gostasse, como se entendesse. Ufa, ela diz. Faz um calor desgraçado. ■

PAULLINY TORT é escritora e seu romance de estreia, *Allegro ma non troppo* (Oito e Meio, 2016), foi semifinalista do Prêmio Oceanos, em 2017. *Erva Brava* (Fósforo, 2021), seu primeiro livro de contos, reúne doze histórias que orbitam Buriti Pequeno, cidade fictícia incrustada no coração de Goiás.






PARA LER

do seu jeito

**Livros sobre teatro, música,
cultura indígena, política,
biografias e outros temas
estão com descontos de até
60% nas Lojas Sesc!**



**Visite a loja em nossas
unidades ou acesse
sescsp.org.br/loja**



Entre cerejeiras e ideogramas

CONHEÇA 5 ESPAÇOS E PROJETOS QUE CELEBRAM A CULTURA NIPÔNICA EM SÃO PAULO PARA ALÉM DA LIBERDADE

Quando pensamos em cultura japonesa na cidade de São Paulo, logo vem à mente o bairro da Liberdade, com seus karaokês, sushis, lâmens, lanternas vermelhas e espaços como o Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, cujo acervo reúne mais de 97 mil itens que preservam a memória desses ancestrais pioneiros. Mas a presença nipônica em solo paulistano vai muito além do famoso bairro, localizado na região central da cidade: está espalhada por vários cantos e lugares, como o Parque do Carmo, o Parque Ibirapuera, as avenidas Paulista e Faria Lima, e o Edifício Altino Arantes (ex-Banespa, atual Farol Santander). Neste mês em que se completam 114 anos da primeira vinda de imigrantes japoneses ao nosso país, a bordo do navio Kasato Maru, que atracou no Porto de Santos com 781 passageiros, propomos um passeio entre cerejeiras, bonsais, carpas, ideogramas e obras de arte. *Irasshaimase!* (Seja bem-vindo!).

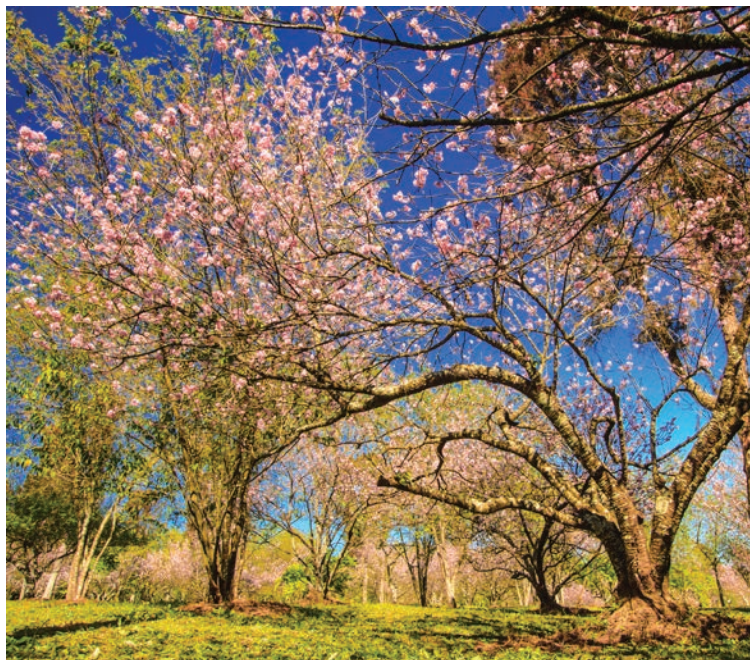


Foto: Joca Duarte/SMA

BOSQUE ENCANTADO

Reduto verde na Zona Leste da capital paulista, o Parque do Carmo concentra, em 2,3 milhões de metros quadrados, diversas espécies da fauna e flora, lagos, planetário, ciclovia, pista de corrida, campos de futebol e espaço para piquenique. Entre outros atrativos, incluem-se o Monumento à Imigração Japonesa e o Bosque das Cerejeiras, com mais de 4 mil árvores, entre as quais é realizada anualmente, desde 1978, a Festa das Cerejeiras, para comemorar a florada dessa que é símbolo do Japão – chamada por lá de *sakura*. Entre os meses de julho e agosto, os visitantes podem praticar o ritual do *hanami*, de contemplação dessas flores. Como há três variedades de cerejeiras no local, a florada não ocorre de maneira uniforme e dura até duas semanas. Há uma verdadeira “chuva” em diferentes tons de rosa, que logo forma um tapete de pétalas pelo gramado do parque. Segundo o organizador do evento, Satiro Shimizo, da Federação de Sakura e Ipê do Brasil, o festival será retomado após dois anos de pandemia e está previsto para acontecer de 5 a 7 de agosto, com atividades até o fim do mês.

Serviço

Bosque das Cerejeiras – Parque do Carmo – Olavo Egydio Setúbal

Local: Av. Afonso de Sampaio e Sousa, 951 – Itaquera.

Horário: Todos os dias, das 5h30 às 20h.

Entrada gratuita.

Informações: (11) 2748-0010 e pelo site bit.ly/3w4x0Ck.



CARPAS, ARTE E BONSAIS

Construído pelo governo japonês em parceria com a comunidade nipo-brasileira no meio do Parque Ibirapuera, o Pavilhão Japonês foi doado a São Paulo em 1954, quando a cidade comemorou 400 anos e o parque foi, então, inaugurado. Madeiras, pedras vulcânicas e outros materiais que compõem o pavilhão foram trazidos em navio diretamente do Japão. Outra curiosidade é que a construção utilizou técnicas tradicionais do país, tendo como referência o Palácio de Katsura, em Kyoto. Cercado de plantas e bonsais, o espaço é composto por um edifício principal suspenso, que se articula em um salão nobre e várias salas anexas (incluindo uma para a cerimônia de chá), salão de exposição e jardim, além de um lago onde nadam cerca de 320 carpas. O lugar também abriga tesouros artísticos de diferentes períodos do Japão, todos doados pelo governo do país, por empresas, entidades e personalidades diversas.



Foto Luciano Munhoz



Foto Gabriela Barra Uno

Serviço

Pavilhão Japonês – Parque Ibirapuera

Local: Av. Pedro Álvares Cabral, s/nº - Ibirapuera. Entrada pelo Portão 10 (próximo ao Planetário e ao Museu Afro Brasil).

Horário: De quinta a domingo e feriados, das 10h às 17h.

Entrada gratuita às quintas-feiras.

Informações: (11) 99538-1927/96390-2404 ou pavilhao@bunkyo.org.br.

JOIAS E CORDAS TRANÇADAS

Em frente à Casa das Rosas e próximo ao Sesc Avenida Paulista, a Japan House São Paulo está com duas exposições em cartaz. A primeira, *[ím]pares*, vai até 12 de junho e destaca o refinado senso estético nipônico, por meio de 75 peças elaboradas por cinco designers de joias que combinam elementos tradicionais e contemporâneos. São colares, brincos, anéis, pulseiras, pingentes e broches que ocupam o espaço expositivo no térreo do prédio. A segunda mostra, *Kumihimo: a arte do trançado japonês com seda, por Domyo*, pode ser vista no segundo andar e fica aberta ao público até 28 de agosto. Nela, é possível conhecer a arte do kumihimo (cordas trançadas) feita pela Domyo, empresa familiar com sede em Tóquio que fabrica esses cordões trabalhados à mão há dez gerações, desde 1652. Essa técnica existe no Japão desde o século 6 e se popularizou com o passar do tempo, sendo utilizada em quimonos, espadas, elementos decorativos e até em áreas como engenharia civil e aeroespacial. A exposição já passou pela Japan House de Los Angeles e, depois de São Paulo, seguirá para Londres.



Peça: Marko Kusumoto/
Foto: Wagner Romano

Serviço

Japan House

Local: Avenida Paulista, 52 – Bela Vista (próximo à estação de metrô Brigadeiro, Linha Verde, e da estação Paraíso, Linhas Verde e Azul).

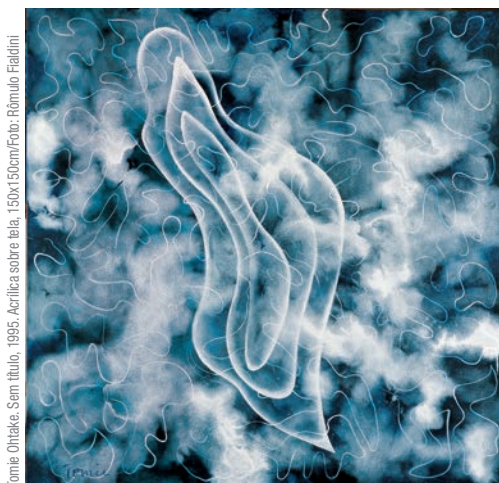
Horário: De terça a sexta, das 10h às 18h; sábados, das 9h às 19h; domingos e feriados, das 9h às 18h.

Entrada gratuita.

Informações: (11) 3090-8900 e pelo site <https://www.japanhousesp.com.br/>.



Foto: Ding Musa



Tomie Ohtake. Sem título, 1995. Acrílica sobre tela, 150x150cm/Foto: Rômulo Fialdini

AQUARELAS DANÇANTES

Até 16 de outubro, o Instituto Tomie Ohtake apresenta a exposição *Tomie Ohtake – A Dança da Água*, que reúne obras da artista plástica japonesa naturalizada brasileira. São trabalhos feitos a partir de 1985, quando Tomie (1913-2015) passa a fazer da água uma musa, com a entrada da tinta acrílica em seu ateliê. No pincel da artista, a água confere dinamismo, fluidez e transparência, diluindo as cores, agilizando a secagem e dando movimento aos quadros abstratos. Assim, a pintora e escultora nascida em Kyoto liberava-se de seus estudos-colagens e começava a testar nas telas várias formas de jogar com as tintas e com seu caráter aquoso. Diferentes matizes azulados, dos mais brilhantes aos melancólicos, encontram-se em experimentos.

Serviço

Tomie Ohtake – A Dança da Água – Instituto Tomie Ohtake

Local: Av. Brigadeiro Faria Lima, 201 – Pinheiros. Entrada pela Rua Coropés, 88 (próximo à estação de metrô Faria Lima, Linha Amarela).

Horário: De terça a domingo, das 11h às 20h.

Entrada gratuita. Algumas exposições podem ser pagas (consulte a programação).

Informações: (11) 2245-1900 e pelo site institutotomieohtake.org.br/.

DA ENXADA AO PINCEL

Outro artista japonês consagrado, naturalizado brasileiro, o pintor, desenhista e tapeceiro Manabu Mabe (1924-1997) ganha até 31 de julho uma mostra inédita e imersiva no Farol Santander. *Manabu Mabe: Uma experiência* marca os 25 anos da morte desse pioneiro do abstracionismo, com 50 obras originais pertencentes ao acervo da família, com um recorte sobre a produção, o processo criativo e as técnicas usadas entre 1940 e 1990. A exposição está dividida em cinco núcleos no 19º andar do antigo prédio do Banespa. Reconhecido no Brasil, no Japão e também internacionalmente, Mabe chegou ao estado de São Paulo em 1934 e trabalhou em cafezais do interior paulista durante a infância e a adolescência. O lavrador, então, tornou-se pintor e sua obra alcançou o grande público, a exemplo de *Olho do furacão* (1961), *Paisagem da Bolívia* (1965) e *Voz de Céu* (1997).

Serviço

Manabu Mabe: Uma experiência – Farol Santander

Local: Rua João Bricola, 24 Centro (próximo à estação de metrô São Bento, Linha Azul).

Horário:

De terça a domingo, das 9h às 20h.

Ingressos: A consultar.

Informações: (11) 3553-5627 e pelo site farolsantander.com.br.



Foto: Vivianposser



Foto: Vivianposser



Deuzimar Capistrano

**Dependente da filha Alessandra,
que trabalha no setor de saúde**

**Ela frequenta a Biblioteca
do Sesc Guarulhos**



Acesse e saiba como
fazer a sua Credencial Plena



www.sescsp.org.br/credencialplena

Com a Credencial, você e sua família terão
acesso prioritário a todas as atividades do
Sesc em todo o Brasil.

Faça como a Deuzimar! Se você é dependente
de quem trabalha na área do comércio de
bens, serviços ou turismo, você tem direito
à **Credencial Plena** do Sesc, gratuitamente.

COM QUEM? PARA QUEM? PARA QUAIS? PARA QUANTOS...?

Que maravilha! Pré-projeto de mestrado finalizado! A proposta agora será dedicar um tempo de qualidade para um estudo que se mostra necessário e oportuno: o currículo que envolve os Centros de Educação Ambiental.

Vi crescer o espaço da educação socioambiental junto da intensificação dos problemas ambientais, sociais e globais. Em uma leitura mais rápida, podemos considerar que agora é correr atrás do que foi deixado para depois – Há tempo!... Ah tempo..., é, já não resta muito.

São muitos anos atuando na área que escolhi e, quando ingressei, acreditei que na educação ambiental conseguiria apresentar um mundo encantador que existe e que precisa ser cuidado, pesquisado, conservado e protegido – era tão claro. Aos poucos fui percebendo que o equilíbrio entre os elementos da natureza com os seres humanos agindo e interagindo de forma harmônica poderia ser uma utopia. E, como disse Eduardo Galeano, “(...) para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”. Nesse caminho vi avanços, retrocessos e perguntas, muitas perguntas: Quem defende um ambiente saudável? Com quem? Para quem? Para quais? Para quantos...?

Falei com muitos, escutei outros tantos e acompanhei algumas transformações. Crianças e jovens que participaram de projetos socioambientais no Sesc tornaram-se biólogas, educadores, pesquisadoras, lideranças comunitárias e continuam as minhas buscas misturadas com as delas – as nossas, a de muitos, com alguns, para muitos.

Nos últimos 20 anos, de maneira crescente, a abordagem ambiental vem ganhando em complexidade e volume de ações. Pesquisas das mais diversas áreas e saberes de tantos povos somam esforços para a compreensão e implicação sistêmica que o assunto merece. Não se trata mais de apenas contemplar e pensar na dimensão do cuidado individual com o meio; estamos buscando mais, como o próprio ecossistema nos ensina, buscamos as conexões - ciência, economia e cultura intrinsecamente relacionam-se à dimensão socioambiental.

A troca de experiências institucionais tornou-se fundamental. Juntas, sociedade civil organizada, universidades, institutos e fundações tecem redes e ampliam as condições para atuação qualificada e inserção da pauta socioambiental em espaços consultivos e deliberativos, estimulando sobretudo a participação social. Nesse sentido, a articulação de grupos diversos expande o entendimento



Luyse Costa

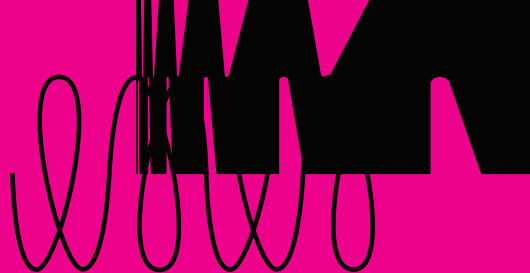
da trama e fortalece a prática, destacando a busca pelo bem comum, pelo bem-estar, pelos direitos da natureza e pelo direito a um ambiente saudável para todas as pessoas.

A partir desse movimento, entendi que desenvolver uma pesquisa nessa área auxiliaria o registro do nosso fazer, a busca de referências acadêmicas e o aprimoramento da prática educativa que colabora como elemento fundante para tudo que foi colocado.

O pré-projeto foi entregue, selecionado e está voltado para a educação. Em continuidade, eu sigo na intenção de contribuir com a minha experiência, compreender a responsabilidade das organizações, fortalecer propostas, somar visões, alavancar boas ideias e ampliar a dimensão do fazer educativo por um ambiente mais respeitado e menos mercantil. Utopia? Não sei, mas acredito demais no caminhar. ■

TANIA PERFEITO JARDIM é bióloga, pós-graduada em gestão ambiental pela FSP-USP, gestora cultural pelo CPF-Sesc e mestranda do Programa Educação: Currículo – PUC-SP. Atua como assistente técnica da área de educação para sustentabilidade e cidadania no Sesc São Paulo.

FESTIVAL SESC DE MÚSICA DE CÂMARA



9 — 26 de junho 2022

O Festival reúne cameristas brasileiros residentes no Brasil e no exterior, intérpretes estrangeiros e jovens músicos profissionais, em um total de 34 concertos.

Curadoria: Cláudia Toni e Cristian Budu

Ilumina Music (Dinamarca / Brasil / EUA / Colômbia)

Carion Quinteto de Sopros (Dinamarca)

Maogani (Brasil)

Sampaensemble (Brasil)

São Paulo Chamber Soloists (Brasil)

Gabriele Leite (Brasil)

Cristian Budu (Brasil)

Meninos Cantores de Hamburgo (Alemanha)

Osusp (Brasil)

Luiz de Godoy (Brasil)

Ocupação Cultural Jeholu (Brasil)

Quarteto Carlos Gomes (Brasil)

Baderna Moderna (Brasil)

Sesc Consolação • Sesc Guarulhos • Sesc Jundiaí •
Sesc Sorocaba • Teatro Pedro II (Ribeirão Preto) •
Catedral de Sant'Ana (Mogi das Cruzes) • Catedral
Evangélica de São Paulo

Ingressos à venda online e nas bilheterias
das unidades do Sesc SP

Saiba mais: www.sescsp.org.br/musicadecamara

APOIO



PARCERIA



REALIZAÇÃO



